



O *Cânone* Bíblico

18

**CORONAVÍRUS:
É O FIM?**
Fique a saber.

28

LUZ NA SELVA
Do milagre à missão.

38

**A IMPORTÂNCIA DA NOSSA
ENTREGA À MISSÃO**
A bênção da missão.





“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A.

março

D	S	T	Q	Q	S	S
26	<u>27</u>	<u>28</u>	1	2	3	4
5	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	11
12	<u>13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	18
19	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	25
26	[27]	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	31	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4 VIGÍLIA DO DIA INTERNACIONAL DE ORAÇÃO DA MULHER

4 *UNITALKS* LISBOA E VALE DO TEJO E SUL

18 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE E DA CRIANÇA

19 SAL

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

272-33 *MEDIA HOPE CENTER* DA ÁUSTRIA (AU)

6-10 UNIÃO ESPANHOLA (SPU)

13-17 UNIÃO SUÍÇA (SWU)

20-24 SEMANA DE ORAÇÃO DA JUVENTUDE ADVENTISTA (EUD)

27-31 ASSOCIAÇÃO DA HANSA (NGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[27] SEGUNDA-FEIRA

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
26	27	28	29	30	31	1
2	3	4	5	6	7	8
9	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	<u>13</u>	<u>14</u>	15
16	[17]	<u>18</u>	<u>19</u>	<u>20</u>	<u>21</u>	22
[23]	24	<u>25</u>	<u>26</u>	<u>27</u>	28	29
30	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO NACIONAL COM VIGÍLIA NACIONAL

6-9 ACREG'S

16 SAL

23 ENCONTRO REGIONAL DE DIRETORES DE MORDOMIA | CENTRO

24 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

28-30 MAPAS

29 *UNITALKS* NORTE | UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 REUNIÃO DE PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (GC)

10-14 ASSOCIAÇÃO DA MOLDAVIA (ROU)

17-21 UNIÃO AUSTRIACA (ATU)

24-28 INSTITUTO TEOLÓGICO SAZAVA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[17] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[23] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA *RTP2* SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

O Poder Transformador da Bíblia

05

BANCO DE LEITURA

A Mão de Deus ao Leme

Uma história sobre a orientação divina manifestada em favor da nossa Igreja.

06

TEOLOGIA

O Cânone Bíblico

As razões que conferem autoridade aos 66 livros da Bíblia.

15

ESTILO DE VIDA

Dez Maneiras Fáceis de Ser Feliz

Para um estado de espírito mais positivo.

18

ESCATOLOGIA

Coronavírus: É o Fim?

Uma pergunta que todos fizemos.

24

HISTÓRIA ADVENTISTA

Francisco Ramos Mejía

Um Pioneiro “Adventista” anterior à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

28

MISSÃO

Luz na Selva

Um exemplo de como os sinceros de coração são conduzidos à verdade pelo Espírito.

31

BÍBLIA

Quebrantando ou Libertando? Jesus, o Sábado e João 5:18

A solução perfeita para um texto difícil.

37

ESPÍRITO DE PROFECIA

O Cânone Bíblico

O parecer de Ellen G. White sobre o Cânone.

38

TESTEMUNHO

A Importância da Nossa Entrega à Missão

Frutos do SAL.

40

PÁGINA DA FAMÍLIA

A Bíblia, Indispensável na Família?

O papel da Bíblia no seio familiar.

42

ESPAÇO JUVENIL

A Bíblia Comparada

A Bíblia é comparável com inúmeras realidades.

46

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

O poder *transformador* da Bíblia

“Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e as intenções do coração.”¹ A Bíblia é um livro que me fascina. Ellen G. White diz que “se a Palavra de Deus fosse estudada como deveria, os homens teriam uma amplitude de mente, uma nobreza de caráter e uma estabilidade de propósito raramente vistas nestes tempos”.² Quão diferente seria o nosso mundo, se as pessoas lessem a Bíblia e colocassem em prática os princípios que encontramos nela!

A Bíblia realmente tem sido uma força importante na minha existência. Tudo o que sou hoje devo ao poder que a Bíblia teve e tem na minha vida. Ao longo do meu ministério tenho visto pessoas a serem transformadas por este precioso livro. Não tenho apenas visto tal transformação nos outros. Também a tenho visto em mim mesmo.

“Cada palavra de Deus é comprovadamente pura.”³ A Bíblia não é um livro igual a outro qualquer. Este livro inspirado por Deus tem o poder de mudar vidas. “Devemos estudar a Bíblia com humildade de coração, nunca perdendo de vista a nossa dependência de Deus.”⁴ A Bíblia não é apenas para ser lida, mas é também para, em

reflexão, aplicarmos os princípios que nela encontramos. Caso contrário a Bíblia será um livro como outro qualquer. Devemos nutrir-nos de cada pedaço deste livro inspirado por Deus, pois em cada página encontramos um Deus maravilhoso que está interessado em revelar-Se a cada um de nós.

Nesse sentido, “nunca se deve estudar a Bíblia sem oração. Só o Espírito Santo nos pode fazer compreender a importância das coisas fáceis de perceber ou impedir-nos de deturpar verdades difíceis de se entender”.⁵ Quando fazemos a leitura da Palavra Sagrada, com oração, a Bíblia torna-se de um valor incrível para cada um de nós. “O estudo da Bíblia enobrece todos os pensamentos, sentimentos e aspirações, como nenhum outro estudo o pode fazer. Dá estabilidade de propósito, paciência, coragem e fortaleza, aperfeiçoa o caráter e santifica a mente.”⁶

Porque não fazer da leitura deste livro uma prioridade na sua vida? Quantas bênçãos temos perdido, apenas porque não temos feito deste livro uma prioridade diária na nossa vida?

¹ Hebreus 4:12.

² Ellen G. White, *O Caminho para a Esperança*, p. 92, ed. P. SerVir.

³ Provérbios 30:5.

⁴ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 457, ed. P. SerVir.

⁵ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 516, ed. P. SerVir.

⁶ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 81, ed. P. SerVir.



A Mão de Deus ao Leme

Enoch de Oliveira

O conhecimento da nossa história denominacional é uma mais-valia para qualquer Adventista do Sétimo Dia. De facto, é espiritualmente proveitoso estarmos cientes do que custou aos nossos Pioneiros e antecessores erigir a estrutura doutrinal e eclesial que faz da nossa Igreja aquilo que ela é hoje. Se queremos estar seguros na nossa posição como membros da Igreja Remanescente, temos de conhecer a nossa história.

Ora, o livro que lhe quero apresentar é, precisamente, uma História da nossa Igreja. Mas ele não só narra os principais momentos históricos do Adventismo, como o faz da perspectiva de alguém que crê que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a Igreja Remanescente da profecia bíblica e que ela tem uma missão divinamente indicada: Preparar um povo para a Segunda Vinda de Cristo.

O livro do Pr. Enoch de Oliveira divide-se em 13 capítulos. Começando pela chegada dos Pais Peregrinos às costas da América do Norte, continua com a narração da experiência dos Milleritas e com a exposição da origem do Dom Profético entre os Adventistas do Sétimo Dia. Há ainda um capítulo sobre a história da Reforma da Saúde, outro sobre a história da página impressa na nossa Igreja e ainda outro sobre a Assembleia da Conferência Geral de Minneapolis em 1888. O Capítulo 9 também é muito interessante, pois narra os juízos que Deus trouxe sobre as



duas Instituições Adventistas mais destacadas de Battle Creek em 1902, explicando por que razão o Senhor teve de agir de tal forma.

Entre os vários capítulos de *A Mão de Deus ao Leme*, destaco ainda quatro: O Capítulo 10, que analisa os diversos movimentos dissidentes e o fim trágico de cada um deles, o Capítulo 11, que nos apresenta a biografia de alguns pioneiros mais influentes, o Capítulo 12, que discorre sobre certos casos destacados de naufrágios na fé, e o Capítulo 13, que apresenta as biografias sintéticas de todos os Presidentes da Conferência Geral, de John Byington a Ted N. C. Wilson. Este último capítulo é particularmente inspirador, pois mostra como Deus tem sabido escolher consagrados homens de fé como líderes máximos da nossa Igreja.

Ao terminar a leitura desta obra do Pr. Enoch Oliveira, não podemos deixar de constatar que Deus está, efetivamente, ao leme do movimento adventista no oceano da história. Se o Leitor quer continuar a fazer parte deste movimento e alcançar a vitória da fé, bem fará em adquirir este inspirador livro.

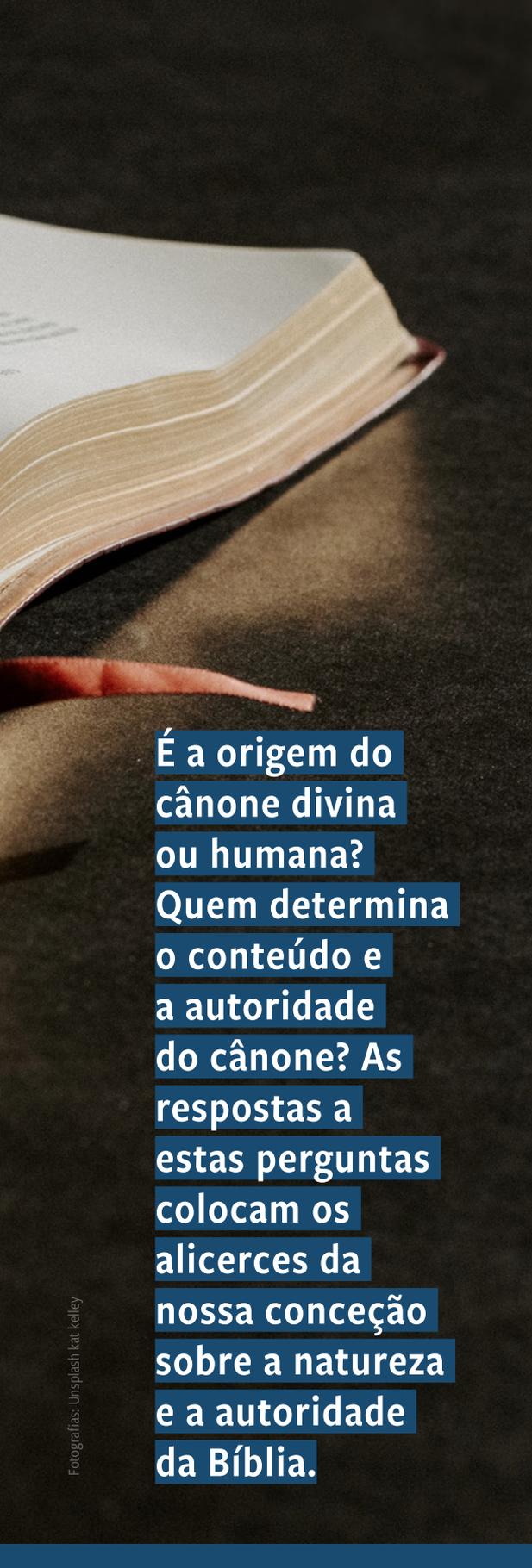
O Cânone Bíblico



John C. Peckham

Teólogo

*Retirado da revista
Ministry de junho de
2008.*



É a origem do cânone divina ou humana? Quem determina o conteúdo e a autoridade do cânone? As respostas a estas perguntas colocam os alicerces da nossa conceção sobre a natureza e a autoridade da Bíblia.

O romance de Dan Brown intitulado *O Código Da Vinci* tornou-se famoso por sugerir a existência de uma relação romântica entre Maria Madalena e Jesus. No entanto, uma acusação que este livro faz, e que é menos conhecida, é a sua frequente afirmação de que o cânone bíblico foi arbitrariamente imposto pelas autoridades da Igreja no quarto século d.C. e tem pouca ou nenhuma autoridade intrínseca. Brown também sugere que havia outros livros sagrados com valor igual, ou superior, aos que integram a Bíblia. É amplamente reconhecido que o recontar ficcional da História por Dan Brown inclui grandes imprecisões em quase cada página do seu livro. Embora uma breve análise desacreditasse facilmente as hipóteses imaginativas e ficcionais de Brown, a questão da canonicidade da Bíblia merece um estudo cuidadoso. De facto, a raiz essencial desta questão está precisamente agora a ser discutida pelos académicos. Esta questão central referente ao cânone bíblico pode ser resumida em duas perguntas estreitamente relacionadas: É a origem do cânone divina ou humana? Quem determina o conteúdo e a autoridade do cânone? As respostas a estas perguntas colocam os alicerces da nossa conceção sobre a natureza e a autoridade da Bíblia.

Pressupostos e definições

Existem diversas definições rivais sobre o cânone entre os académicos. Qual é a razão de tal diversidade de interpretações? Os pressupostos podem ser identificados como alguns dos seus fatores mais importantes. Em

questões de História é importante reconhecer que declarações apresentadas como expressão de factos contêm não apenas a transmissão de dados objetivos, mas também a interpretação desses dados. De facto, é impossível comunicar os dados da História sem a inclusão de uma interpretação. No entanto, estas interpretações podem ser ou não dotadas de precisão. Isto torna-se num problema especial quando as conclusões comunicadas pelo Historiador ou pelo académico são acriticamente recebidas como corretas, sem se reconhecer que tal apresentação inclui uma interpretação condicionada pelos pressupostos do autor.

Assim, as definições de canonicidade são muito condicionadas ao nível dos pressupostos, sejam eles expressos explícita ou implicitamente. O pressuposto crucial diz respeito à *origem* dos livros bíblicos. Em particular, uma das principais razões subjacentes à diversidade de definições do cânone é o pré-conceito sobre a possibilidade ou a impossibilidade de uma revelação divina. É o cânone determinado pelos seres humanos ou por Deus? Se se

Apenas a origem divina confere aos livros a sua autoridade; o reconhecimento dessa origem divina conduz ao funcionamento adequado do cânone na vida dos crentes.

elimina, à partida, a possibilidade de Deus ter comunicado verdades sobre Si mesmo aos seres humanos, também se eliminará, à partida, a divina indigitação do cânone. Por outro lado, a fé numa autorrevelação divina permitiria uma definição que vê o Cânone como um padrão indigitado por Deus.

Duas grandes definições de Cânone

Para lançarmos esta discussão, vamos considerar as duas principais definições de canonicidade que decorrem destas posições. A primeira, designada “o cânone da comunidade”, vê o cânone como “algo oficial ou autoritariamente imposto sobre certas obras literárias”.¹ Aqui, o cânone é definido como um conjunto de escritos escolhidos por uma comunidade para funcionar como padrão. De acordo com isto, a canonicidade é vista como algo imposto sobre escritos que não merecem, necessariamente, esse estatuto de canonicidade. Assim, o conteúdo desse cânone pode ser flexível e a autoridade reside na comunidade que escolhe os escritos no cânone usado pela sua teologia. A segunda definição, designada “cânone intrínseco”, defende que o cânone foi *determinado* por Deus e *reconhecido* (mas não *determinado*) pelos seres humanos.² Segundo esta posição, os livros das Escrituras são intrinsecamente canónicos devido à sua origem divina. Esta autoridade canónica inerente é concedida por autoridade divina, independentemente do reconhecimento humano dessa sua autoridade inerente. Apenas a origem divina confere aos livros a sua autoridade; o reconhecimento dessa origem



divina conduz ao funcionamento adequado do cânone na vida dos crentes.

Assim, o fator formativo da possibilidade de uma revelação divina leva, frequentemente, à diferença entre a posição de que a comunidade *determina* o cânone e a posição de que a comunidade *reconhece* esse cânone. Na primeira posição, é concedido aos livros sagrados o seu lugar no cânone pelos seres humanos, enquanto na segunda posição é Deus que concede o lugar no cânone. Esta diferença é crucial para se determinar a natureza do cânone. Se se afirma que a comunidade efetua tal determinação, então o foco será colocado na história dessa determinação e na possibilidade de alterações contemporâneas no alcance desse cânone. Por outro lado, se se crê que Deus determina o cânone, a questão central é saber-se como a comunidade deve reconhecer o alcance desse cânone.

Implicações das definições

Segundo a definição do “cânone determinado pela comunidade”, quaisquer dados que não incluam listas específicas de livros canônicos são excluídos por alegada falta de relevância. Assim, segundo esta perspectiva, as citações e o uso dos livros canônicos nas primeiras épocas da Igreja – do primeiro ao quarto século – não são provas, dado que elas não são listas canônicas e, assim, não correspondem ao requisito da definição do “cânone determinado pela comunidade”. Em vez disso, os dados considerados conclusivos para a história da formação do cânone são restringidos à amostra das listas de livros que chegaram até nós no decurso da História. Isto levará, então, à atribuição de uma data no quarto século d.C. (baseada no Concílio de Cartago, realizado em 397 d.C.) ou à atribuição de uma data ainda mais posterior, para

a formação do cânone, dado que as listas canônicas anteriores são poucas e consideradas inconclusivas.³ Não há dúvida de que este é um argumento a partir do silêncio, uma vez que apenas temos disponível aquilo que chegou até nós no decurso da História.

No entanto, se o cânone é abordado a partir de uma definição diferente, a História é, então, interpretada de modo muito diferente. A determinação da História de listas canônicas é uma prossecução de estudo válida por direito próprio. Mas, se aplicarmos a definição do “cânone intrínseco”, então essa História não deveria ser considerada como fornecendo uma resposta conclusiva sobre o justo alcance ou a adequada autoridade do cânone. Ela pode fornecer informação sobre os livros aceites pelo autor de um dado documento e, talvez, por uma comunidade específica, mas não fornece

muita informação para além desta que alcance o importante nível dos *méritos* dos livros canônicos, isto é, a sua canonicidade *intrínseca*. Assim, a abordagem do “cânone intrínseco” irá aplicar critérios para identificar os livros que Deus intencionalmente determinou que fizessem parte do cânone.

Além do mais, esta abordagem do “cânone intrínseco” valoriza os dados internos das Escrituras, que apoiam a necessidade crucial de se identificar corretamente o cânone determinado pela intenção divina. O Antigo Testamento menciona especificamente a revelação divina como sendo a sua origem, e a preservação intencional dessa revelação como uma fonte de autoridade para a comunidade.⁴ O Novo Testamento regista provas abundantes que apoiam a existência de um cânone do Antigo Testamento, bem como a aceitação deste por Jesus, que o comu-

Fotografias: Unsplash, Lydia Matzaj, sixteen miles out, thays orrico.



nicou aos Seus seguidores.⁵ O Novo Testamento também é bastante claro no que toca à sua autoridade enquanto Palavra de Deus.⁶ Assim, parece que, internamente, os escritores bíblicos supõem a existência de uma coleção, dotada de autoridade, de textos reunidos no Antigo Testamento e no Novo Testamento, isto é, supõem a existência de um cânone. Também tem algum interesse, embora não seja conclusivo, o registo antigo do uso dos livros pela Igreja, uso esse documentado nos escritos dos primeiros Pais da Igreja.⁷ Eu sugiro que, se aceitarmos a realidade da revelação divina aos seres humanos, então devemos adotar a definição de “cânone intrínseco” e focarmo-nos na correta identificação dos próprios livros com base em critérios que identificam os livros como adequados e confiáveis condutos da revelação divina.

Critérios sugeridos para o reconhecimento do cânone determinado divinamente

Os principais critérios que nos auxiliam no reconhecimento do cânone divinamente indicado incluem (1) autoria divinamente comissionada; (2) consistência com as outras revelações; (3) e autoidentificação do propósito divino. A autoria divinamente comissionada significa, dito simplesmente, que o autor tem autoridade divinamente conferida para transmitir uma revelação, sendo essa comissão divina vista nas obras dos profetas espalhadas por todo o Antigo Testamento. No Novo Testamento, esta comissão é vista nas obras dos apóstolos e dos Cristãos da primeira geração, que es-

Os principais critérios que nos auxiliam no reconhecimento do cânone divinamente indicado incluem (1) autoria divinamente comissionada; (2) consistência com as outras revelações; (3) e autoidentificação do propósito divino.

tavam diretamente ligados aos apóstolos e, portanto, tinham disponível a orientação apostólica.⁸ Isto, claro está, exige que os livros tenham sido escritos durante o tempo de vida dos profetas e dos apóstolos. O segundo critério – consistência com as outras revelações – requer que o conteúdo dos livros não deve contradizer, mas concordar, com toda a revelação anterior (Deuteronómio 13:1-3; Malaquias 3:6; Isaías 8:20; Mateus 5:17 e 18; Mateus 24:35).⁹ O último critério – auto-autenticação do propósito divino – é provavelmente o mais importante, mas também o mais difícil de identificar objetivamente. Significa que o verdadeiro mérito canónico reside na ação de Deus na revelação, inspiração e preservação dos livros e que esse mérito pode ser reconhecido nos conteúdos dos livros.¹⁰

No entanto, deve ser notado que esta apresentação dos critérios e da sua

Estes livros foram providencialmente preservados através da ação da Igreja, o que também é uma prova adicional de que Deus prestou o Seu auxílio no reconhecimento destes livros.

aplicação é necessariamente muito simplificada. Não estou a sugerir que a simples apresentação destes critérios resolva todas as questões sobre a canonicidade. Não obstante, ela faz avançar a discussão da questão da história das listas de cânones para a questão do justo e intrínseco lugar no cânone considerado a partir da análise dos próprios livros. Seria ingénuo crer que o debate haveria de ser serenado apenas porque se adota esta perspetiva. Entretanto, parece ser bastante válido avançarmos a partir desta definição de cânone para uma investigação dos próprios livros e, a partir daqui, para uma tomada de decisão baseada nos seus méritos enquanto obras canónicas. Eu já realizei pessoalmente essa investigação, e estou satisfeito com a evidência de que os 39 livros do Antigo Testamento e os 27 livros do Novo Testamento cumprem todos os critérios de canonicidade, e são, assim, merecedores de serem aceites como a Palavra de Deus divinamente comissionada, dotada de autoridade para definir a fé e a prática dos crentes.¹¹ Além do mais, não encontrei nenhum outro livro que pudesse corresponder a

estes critérios.¹² Portanto, concluí que o cânone dos 66 livros é a revelação de Deus corretamente reconhecida.

Chegados a este ponto, a questão do encerramento do cânone tem de ser concisamente tratada. Porque as revelações contidas no Antigo Testamento e no Novo Testamento apresentam todas as revelações sobre a atividade de Deus na história da salvação, o cânone é adequadamente encerrado pelos escritos do Novo Testamento. Os livros canónicos contêm informação propositadamente selecionada que os torna numa plena revelação de Deus em Jesus Cristo. O Novo Testamento ensina que Cristo cumpriu todo o Antigo Testamento enquanto revelação completa de Deus (Mateus 5:17). Além do mais, Jesus prometeu que o Espírito Santo iria guiar os apóstolos em “toda a verdade” (João 16:31). Se temos os escritos apostólicos autênticos e divinamente comissionados, juntamente com o Antigo Testamento, então temos toda a revelação canónica e não há necessidade de mais revelações no seio da Aliança. No entanto, isto não significa que o Espírito Santo já não confira o dom profético; mas significa que nenhum profeta pós-apostólico será canónico.

Sumário e conclusão

Não é coincidência que estes critérios levem ao reconhecimento do cânone dos 66 livros. Estes livros foram providencialmente preservados através da ação da Igreja, o que também é uma prova adicional de que Deus prestou o Seu auxílio no reconhecimento destes livros. No entanto, sem se supor isto como um facto, pode-se ainda assim

chegar a reconhecer esta mesma coleção de livros através da aplicação de critérios como os que foram sugeridos neste artigo. Quem ainda não crê que Deus comunicou uma revelação à Humanidade pode suspender o juízo e abordar a Bíblia nos seus próprios termos. A consciência de tais pressupostos, neste caso, pode permitir ultrapassar a rejeição *a priori* da revelação, de modo a chegarmos à questão de se saber de que forma podemos reconhecer essa revelação, se ela existir.

Por outro lado, a Igreja opera na arena da fé e não pode operar no interior do quadro de pressupostos seculares. É verdade que há espaço para um diálogo paciente, mas a pressão para se adotarem os pressupostos comuns do método histórico-crítico teria um impacto drástico sobre a Igreja. Falando francamente, o crente tem o mesmo direito a ter os seus pressupostos, ou a sua mundividência, que tem qualquer outra pessoa. O crente que declara a sua fé na possibilidade ou na realidade da revelação divina será capaz de

empregar estes padrões para reconhecer os méritos divinos do cânone, sem aceitar que esse cânone é determinado por uma comunidade ou tradição. Essa abordagem pode ajudar os crentes a fundamentarem ainda mais a sua fé na Bíblia e pode também facilitar a capacidade de um descrente em abordar honestamente a questão do alcance dos livros canônicos, escolher as interpretações corretas e chegar a ter fé na Bíblia como a reconhecida revelação de Deus. Atualmente, a Igreja pode continuar a testificar do poder transformador de vidas que a Bíblia tem, sob a ação do Espírito Santo, e utilizá-la como regra de fé e de prática dotada de autoridade.

Em resumo, o cânone consiste em livros que recolhem a revelação divina e que foram indicados por Deus para servir como regra de fé e de prática dotada de autoridade. Estes livros são, posteriormente, reconhecidos pela comunidade como sendo divinamente comissionados (seja por ação dos profetas ou dos apóstolos), tendo a antiguidade adequada, sendo consistentes

Fotografia: Unsplash vwz photography



com a anterior revelação e sendo autenticados por si mesmos. Com base na sua intrínseca canonicidade, as Escrituras são aceites e usadas como revelação de Deus. Eu proponho que todos os 66 livros do cânone Protestante pertencem ao cânone das Escrituras

que foi divinamente inspirado, preservado e intencionado, e ao qual não podem ser adicionados ou subtraídos quaisquer livros. Como tal, o cânone das Escrituras é o único fundamento confiável e dotado de autoridade para a teologia e para a prática cristãs.

1 James A. Sanders, “The Issue of Closure in the Canonical Process”, in *The Canon Debate*, eds Lee Martin McDonald e James A. Sanders (Peabody, MA: Hendrickson, 2002), p. 252.

2 “Em virtude da sua inspiração, e da sua resultante auto-autenticação e auto-validação, os livros bíblicos foram ‘reconhecidos’ como canónicos.” Gerhard F. Hasel, “Divine Inspiration and the Canon of the Bible”, *Journal of the Adventist Theological Society* 5/1 (1994), p. 69.

3 Deve-se notar que há uma grande abundância de dados disponíveis para serem interpretados. Grande parte da interpretação, como foi dito antes, está diretamente ligada à definição pré-existente do que constitui a canonicidade.

4 Deus ordenou a Moisés que a Sua revelação fosse escrita, preservada e transmitida às gerações seguintes (Êxo. 17:14; 24:4; 31:18; 34:27; Deut. 10:5; 31:9, 25 e 26). Depois de Moisés, outros escritores inspirados, como Josué, Isaías e Jeremias, entre outros, prosseguiram no processo de registar a revelação (Jos. 24:26; I Sam. 10:25; Isa. 30:8; Jer. 30:2). Os escritores posteriores referiam e reverenciavam os primeiros livros das Escrituras (I Reis 2:3; Esdras 3:2; Jer. 26:18; Eze. 14:14, 20; Dan. 9:2; Miq. 4:1-3, etc.).

5 Jesus é bastante claro sobre a autoridade do Antigo Testamento (Mat. 21:42; 22:29; 26:54, 56; Lucas 24:44 e 45; João 2:22; 5:39; 10:35; 17:12). O resto do Novo Testamento considera os escritos do Antigo Testamento como Escrituras dotadas de autoridade (Atos 17:2; 18:28; Rom. 1:2; 4:3; 9:17; 19:11; 11:2; I Cor. 15:3 e 4; Gál. 3:8; II Tim. 3:16; II Ped. 1:20 e 21).

6 I Timóteo 5:18 cita diretamente Lucas 10:7. Pedro declara que os escritos de Paulo são Escritura inspirada juntamente com o Antigo Testamento (II Ped. 3:15 e 16). Além do mais, o Evangelho é considerado como sendo a própria Palavra de Deus (Atos 8:14; 11:1; 12:24; 13:46; 17:13; 18:11; 19:20). Paulo afirma claramente que não fala

com a sua própria autoridade, mas com a autoridade de Deus (Rom. 15:15; I Cor. 2:13; Gál. 1:12; Efé. 3:5; I Tes. 2:13) e ordena que as suas cartas sejam lidas (Col. 4:16; I Tes. 5:27). Finalmente, o Apocalipse dá testemunho sobre si mesmo de que é uma revelação direta de Deus e acrescenta que ninguém deverá modificar as suas palavras (Apoc. 1:1; 22:18 e 19).

7 Por exemplo, os livros canónicos do Novo Testamento foram tão amplamente usados que todo o Novo Testamento – exceto 11 versículos – poderia ser reconstruído a partir das citações dos Pais da Igreja que escreveram entre o segundo e o quarto século. Para uma indicação deste fenómeno, veja-se Norman L. Geisler e William E. Nix, *A General Introduction to the Bible, revised and expanded* (Chicago: Moody Press, 1986): pp. 419-433.

8 Em *Contra Apion* 1:8, Josefo indica a existência de uma clara sucessão de homens de Deus, desde Moisés até aos profetas, o que testemunha sobre uma “exata sucessão de profetas”. Ele também sugere que já havia um cânone fechado nesta época (por volta de 70 d.C.), dado que afirma: “Ninguém foi suficientemente ousado para acrescentar-lhes [aos livros do Antigo Testamento] algo, para retirar-lhes algo ou para fazer qualquer mudança neles.” Um exemplo da importância da autoria do Novo Testamento é a ênfase de Paulo ao chamar a atenção para a sua caligrafia, que assinalava nas cartas que elas procediam verdadeiramente dele (I Cor. 16:21; Gál. 6:11; Col. 4:18; II Tes. 3:17; Filémon 19).

9 Um importante exemplo histórico deste critério foi o caso de Sarapion, em Rhossus, que, inicialmente, permitiu o uso do chamado *Evangelho de Pedro*, mas que, mais tarde, o rejeitou totalmente porque ensinava o docetismo. Eusébio, 216. *História Eclesiástica*, 6.12.3.

10 Deve-se notar que inspiração por si só não é igual a canonicidade. É verdade que numerosos lugares da Bíblia referem livros proféticos que não se tornaram

parte do cânone. Outros livros, como *O Pastor de Hermas*, foram considerados inspirados por alguns, mas não foram reconhecidos como canónicos, porque não cumpriam outros critérios, como a apostolicidade. A inspiração é, portanto, requerida, mas não é a única característica de um livro canónico.

11 É claro que a objeção básica que pode ser colocada a esta afirmação assenta nas questões da datação e da autoria, que são populares na abordagem à Bíblia empreendida pelo criticismo histórico. Eu afirmo que as conclusões que contradizem o testemunho interno dos livros bíblicos são especulativas, inconclusivas e contestáveis. Há muitos dados que podem apoiar a autoria profética e apostólica do Antigo Testamento e do Novo Testamento, respetivamente. Alguns dados que apoiam essa posição são apresentados em estudos como os de G. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, 3ª ed. (Chicago: Moody Press, 1998) e D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *An Introduction to the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992). Para uma investigação da História, consulte F. F. Bruce, *The Canon of Scripture* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988) e Lee Martin McDonald, *The Formation of the Christian Biblical Canon* (Peabody, MA: Hendrickson, 1995).

12 Os apócrifos do Antigo Testamento são excluídos pelo próprio testemunho dos Judeus sobre a cessação da profecia depois da época de Artaxerxes (por volta de 450 a.C.). Josefo, *Contra Apion* 1.8, especifica claramente que os profetas dotados de autoridade ministraram “até ao reino de Artaxerxes” (Cf. I Macabeus 9:27). Quanto ao Novo Testamento, *O Pastor de Hermas* poderia ser considerado, mas foi excluído porque, segundo o *Fragmento Muratoriano*, foi escrito na metade do segundo século; portanto, não foi escrito por um apóstolo. Quanto aos chamados livros gnósticos, como o *Evangelho de Tomé*, falham em cumprir todos os critérios, devido à sua autoria sob pseudónimo, à contradição com a revelação anterior e a uma total falta de provas da sua origem e da sua indigitação divinas.

Sheila O'Connor

Psicóloga

Retirado da revista Signs of
the Times de março de 2010.

Dez maneiras fáceis de ser feliz



Seguindo-se as dicas apresentadas em seguida por alguns especialistas na felicidade, estará a dizer adeus à tristeza muito em breve.

Os seres humanos têm uma vontade intrínseca de serem felizes. Infelizmente, a vida nem sempre colabora. Acontecem coisas que nos fazem sentir irados, desencorajados, amedrontados, envergonhados, deprimidos – e a lista continua. No entanto, não temos de nos resignar face às nossas circunstâncias. Seguindo as dicas apresenta-

das em seguida por alguns especialistas na felicidade, estará a dizer adeus à tristeza muito em breve.

1. Faça bem aos outros

Todos nós nos sentimos bem ao nos permitirmos desfrutar, de vez em quando, de algo de que gostamos. Mas Patricia Rosse também dá o seguinte conse-

lho: “Faça algo por outra pessoa. Exige apenas alguns segundos do seu dia, mas resulta em horas de boas sensações para si e para aquela pessoa que ajudou.”

Servir os outros não tem de ser algo muito demorado ou caro. Pode ser, simplesmente, segurar a porta para deixar alguém entrar no prédio à sua frente.

2. Mantenha-se fora dos problemas dos outros

Eu sei que é difícil, mas um modo seguro de melhorar a sua felicidade é, simplesmente, limitar-se a tratar dos seus assuntos. “No passado, achei-me envolvida nos dramas da família e dos amigos e senti-me responsável por resolver os dilemas deles”, diz Renee Duane, autora de *Escolher a Felicidade – Reclamar a Sua Alegria Inerente*. “Mas as minhas tentativas de intervir impediam a minha família e os meus amigos de experimentarem uma valiosa experiência pedagógica – isto é, experimentarem as consequências das suas escolhas – e impediam-me de sentir alegria e contentamento.”

Duane aconselha que “ficar do seu lado da linha permite-lhe ser feliz ao mesmo tempo que simpatiza com a situação do outro”.

3. Diga “Desculpa-me”

O sentimento de culpa e a vergonha são causas importantes da nossa infelicidade. Ambos são bons em pequenas doses, porque nos mantêm cientes dos nossos erros. Mas, podemos melhorar consideravelmente a nossa felicidade usando a palavra “Desculpa”. Reconhecer que ferimos outra pessoa e pedir desculpa por esse mau ato retira o

sentimento de culpa dos seus ombros e contribui dramaticamente para o seu senso de bem-estar e de felicidade.

4. Ria

Salomão, que é conhecido como o homem mais sábio de sempre, aconselhou que “o coração alegre serve de bom remédio” (Provérbios 17:22). Coy Long diz: “Não seja sempre tão sério. Aprenda que a vida é o que fazemos dela, por isso lembre-se de rir.” E, por vezes, realmente ajuda rirmo-nos de nós mesmos, especialmente quando se fez alguma burrice. Esta é uma outra forma de nos libertarmos da vergonha.

5. Mude aquilo que diz a si mesmo

Há um ditado que diz: “Aquilo que dizes a ti mesmo, acabarás por provar a ti mesmo”, pelo que, se diz a si mesmo que é feliz, então encontrará coisas para provar a si mesmo que realmente é feliz! Será com uma profecia que se cumpre a si mesma.

Terri Benincasa, uma terapeuta da Flórida, diz: “Mude as mensagens que repete para si mesmo, trocando as que são destrutivas pelas que são animadoras, e o resultante ar alegre perpetuar-se-á.”

6. Tenha uma má memória

O meu amigo jornalista Ed Walsh encontrou uma boa maneira de ser feliz. “Eu creio que um dos ingredientes essenciais para se ser feliz é ter uma má memória”, diz ele. “Não tenha ressentimentos e esqueça-se das más experiências, pondo-as para trás das costas – não esteja constantemente a repeti-las na sua mente.”



7. Escolha ser feliz

Abraham Lincoln disse uma vez que “a maior parte das pessoas é tão feliz quanto decide ser”. Ric Morgan, autor do livro *As Chaves: O Manual para uma Vida com Sucesso*, concorda. “Tudo se resume a isto: Baseado nos seus pensamentos e nas suas escolhas, se quer ser feliz, seja feliz. Se não é feliz agora, mude de ideias e opte por escolhas diferentes.”

8. Tenha bons relacionamentos

Pesquisas de larga escala sobre psicologia positiva descobriram que ter bons relacionamentos sociais é um dos mais fortes indicadores de felicidade. “O nosso cérebro está construído para se relacionar com outras pessoas. Não temos escolha quanto a isso. E podemos pagar um alto preço por pensarmos que podemos escolher não nos relacionarmos”, diz Jackie O’Neil, uma psicoterapeuta do Minnesota.

Mas, e se já não vê os seus velhos amigos há algum tempo? Restabelecer relacionamentos com os amigos no *Facebook* pode ser um modo simples de começar. Ou tente fazer novos amigos.

9. Medite

Um modo simples de aumentar a sua felicidade é meditar. A oração é um modo de o fazer, mas pode também refletir sobre temas da Bíblia, especialmente sobre a vida de Jesus. Pondere as Suas palavras no Sermão da Montanha (Mateus 5-7). Um dos seus melhores conselhos foi: “Não se turbe o vosso coração” (João 14:1). Lembre-se destas palavras e repita-as quando se sentir perturbado.

10. Dê o que quer receber

Há um princípio bíblico que diz que colhemos aquilo que semeamos (veja Gálatas 6:7). Esta é uma estratégia importante para se alcançar a felicidade. Para obter aquilo que quer, primeiro dê isso mesmo. “Quer mais amor na sua vida? Mais apreciação? Mais reconhecimento? Mais respeito?”, pergunta C. J. Scarlet. “Então primeiro dê isso aos outros e depois isso refluirá para si.”

A felicidade é um estado mental. Não se pode forçar a ser feliz, mas também não se deve resignar a ser infeliz. Se se sente cronicamente irado, triste ou deprimido, tente as dez estratégias apresentadas aqui e veja o que acontece!



Gary Gibbs

Presidente da Associação da Pensilvânia
dos Adventistas do Sétimo Dia

Retirado da revista *Adventist World*
de agosto de 2020.

Coronavírus É O FIM?

No início de 2020, a pandemia do Coronavírus atacou o mundo. Em poucos meses, múltiplos milhões de pessoas foram infectados, e centenas de milhares morreram. As nações fecharam as fronteiras, encerraram as empresas e ordenaram às pessoas que ficassem confinadas em casa. Economias prósperas evaporaram-se à medida que cidades buliçosas se transformavam em cidades-fantasma.

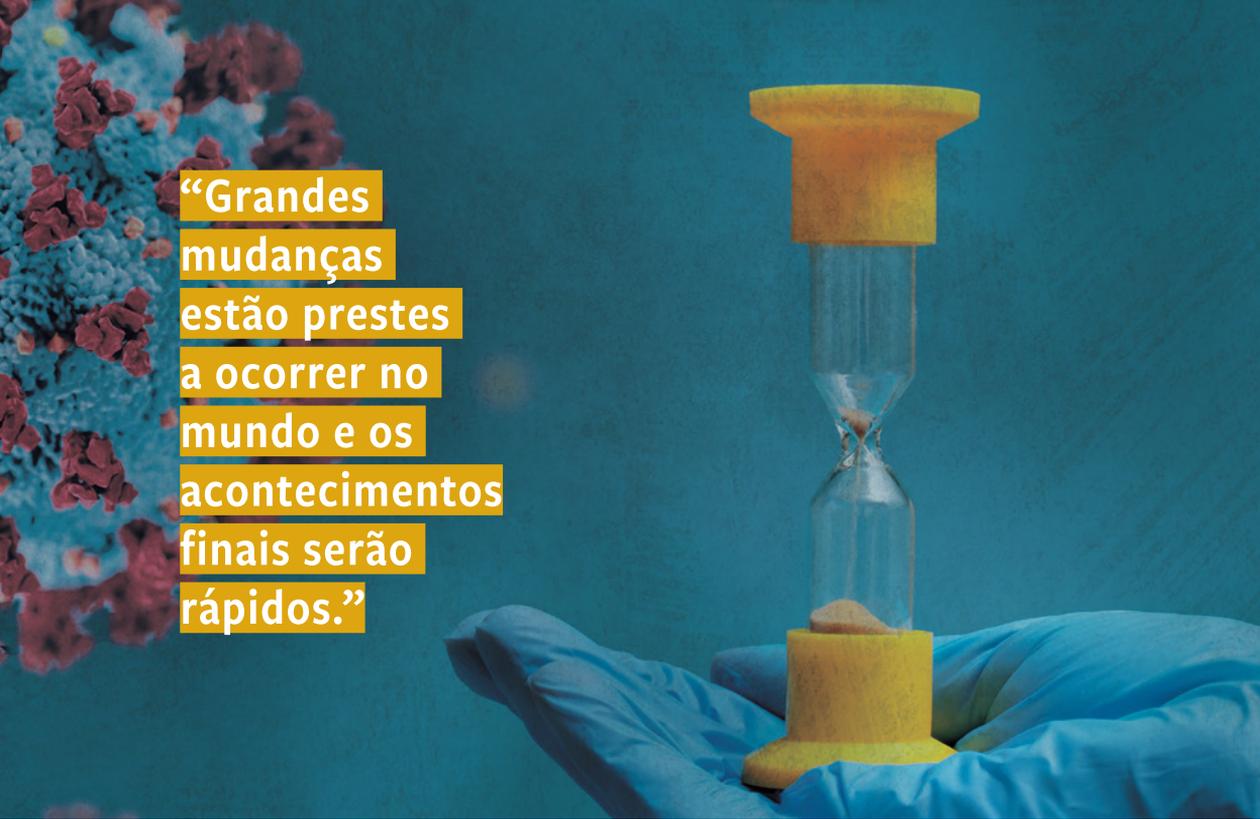
Se alguém estivesse a planejar um acontecimento apocalíptico para controlar as massas, provavelmente seria algo muito parecido com a pandemia do coronavírus. Sem qualquer resistência, mais de um terço da população mundial foi tranquilamente colocada em confinamento.¹ As pessoas abdicaram dos seus direitos civis, que protegem a sua privacidade, a sua fre-

quentação da igreja e a possibilidade de comprar e vender.

Muitos interrogaram-se se isto estaria a conduzir-nos para o fim profetizado. As pesquisas *online* sobre os temas “fim do mundo”, “sinais do tempo do fim” e “últimos dias” subiram vertiginosamente.² Os Adventistas do Sétimo Dia estão a interrogar-se sobre se isto poderia ser o que Ellen G. White predisse quando escreveu: “Grandes mudanças estão prestes a ocorrer no mundo e os acontecimentos finais serão rápidos.”³

Acontecimentos aceleradores

Um artigo no influente jornal *Financial Times* esclarece-nos sobre o modo como emergências como esta pandemia podem transformar a sociedade. “Muitas medidas de emergência de



**“Grandes
mudanças
estão prestes
a ocorrer no
mundo e os
acontecimentos
finais serão
rápidos.”**

curta duração tornar-se-ão um aspeto duradouro da vida. Esta é a natureza das emergências. Elas fazem acelerar os processos históricos. Decisões que, em tempos normais, poderiam requerer anos de deliberação são realizadas em questão de horas. Tecnologias imaturas e, mesmo, perigosas são empregues, porque o risco de nada fazer é ainda maior.”⁴

O conceito de “processos históricos aceleradores” explica o modo como a profecia bíblica é, por vezes, cumprida. A transição de uma sociedade amante da liberdade para os dias assustadores preditos em Apocalipse 13, em que ninguém pode comprar ou vender a não ser que adore a besta (o poder político-religioso descrito em Apocalipse 13:1-8, que blasfema de Deus e tenta usurpar a Sua autoridade), pode acontecer em estágios pontuados por

“emergências de curto prazo” e pela implementação de “tecnologias”.

Por exemplo, o 11 de setembro de 2001 foi um acontecimento acelerador. No seu seguimento, foram aprovadas leis e foram empregues tecnologias para se criar um muro de vigilância. Nos Estados Unidos, 70 milhões de câmaras de vigilância⁵ e aviões espiões que circulam no ar seguem grandes populações.⁶ A perda de privacidade

Esta é a natureza das emergências. Elas fazem acelerar os processos históricos. Decisões que, em tempos normais, poderiam requerer anos de deliberação são realizadas em questão de horas.



A perda de privacidade depois do 11 de setembro e de outros ataques terroristas foi inicialmente debatida, mas a sociedade acabou por se instalar num novo normal e os processos aceleradores fizeram uma pausa durante algum tempo.

depois do 11 de setembro e de outros ataques terroristas foi inicialmente debatida, mas a sociedade acabou por se instalar num novo normal e os processos aceleradores fizeram uma pausa durante algum tempo.

Estas pausas proféticas podem durar décadas. Outras vezes, as mudanças acontecem em rápida sucessão, fazendo-nos avançar para o cenário de

Apocalipse 13. Quer estejamos agora em pausa, em avanço lento ou em avanço acelerado, esta pandemia global demonstra notoriamente que dois dos principais requisitos para a imposição do sinal da besta (a contrafação do selo de Deus, isto é, da adoração no Sábado bíblico) estão já instalados.

Monitorizar os nossos movimentos

Para compreender como o coronavírus se espalha, os governos usaram dados dos telemóveis inteligentes para monitorizar o movimento da sua população.⁷ Independentemente da pandemia, o facto de alguém estar a registar todos os nossos movimentos é profeticamente relevante, porque pode ser usado algum dia para determinar se uma pessoa obedece a leis impostas para “a adoração da besta” (Apocalipse 13:12-15).

Os chamados “grandes dados” e os governos uniram-se para seguir a obediência às leis de confinamento. No auge da pandemia, mais de 90 por



cento da população nos Estados Unidos recebeu ordens de não se deslocar senão pelas razões mais essenciais.⁸ A desobediência podia resultar em “penas civis ou criminais”.⁹ Os infratores destas leis na Austrália Ocidental estavam sujeitos a uma multa de 50 000 dólares australianos.¹⁰

Esta pandemia demonstra que as autoridades têm a capacidade e a vontade de impedir legalmente as pessoas de se deslocarem, de comprarem e venderem ou de adorarem Deus na igreja.¹¹ Fica claro que a tecnologia está, em grande medida, disponível para aplicar as leis preditas em Apocalipse 13.

Uma sociedade sem numerário

Para implementar o sinal da besta, um governo deve também ser capaz de controlar a compra e a venda. O que revela esta pandemia acerca disto?

Um artigo recente na revista *Bloomberg Tax*, “Por que razão abdicar do numerário tem um valor acrescido na era da pandemia”, começa com a pergunta: “Ainda necessitamos de numerário?”¹² A autora Jessie Yeung vê a pandemia como uma oportunidade para a implementação da moeda digital, fazendo notar que o Banco Central da China removeu dinheiro contaminado.¹³ Ela sugere que esta pandemia é um catalisador de aceleração da História. “O medo do contágio poderá acelerar a tendência geral para mais pagamentos digitais, segundo o Banco de Liquidações Internacionais.”¹⁴

Uma sociedade sem numerário não é uma nova proposta. Eu lembro-me de como o antigo Presidente norte-americano Ronald Reagan se deba-

teu para impedir a atividade dos cartéis de droga. Uma *newsletter* financeira que eu subscrevia nessa época relatou que alguém no governo de Reagan sugeriu que ele podia impedir o tráfico ilegal de droga removendo o numerário da sociedade americana. Em resposta a esta sugestão, outra pessoa gracejou dizendo: “Como o sinal da besta?” A sala ficou momentaneamente em silêncio; depois, o Presidente ignorou o tópico e avançou para outro tema.

Hoje, as transações sem dinheiro passaram de uma sugestão assustadora para uma realidade confortável. Na Suécia, a sociedade menos dependente do numerário em todo o mundo, 80 por cento das aquisições são feitas eletronicamente.¹⁵ Muitos países africanos usam moeda eletrónica – mais de 75 por cento dos quenianos adultos usam o serviço de carteira eletrónica no telemóvel.¹⁶ A Índia, que tem a segunda maior população do mundo, recentemente fez um esforço para eliminar o numerário ao retirar de circulação as notas mais populares. O Banco Central da China anunciou, no princípio de 2020, que está pronto para testar uma moeda digital.¹⁷

Embora seja possível viver sem numerário, por que razão os governantes poderiam desejar tal estado de coisas? Há muitas razões práticas. “Para os governos, livrar-se do numerário cortaria a despesa com a impressão e a distribuição do dinheiro e tornaria mais fácil reprimir a evasão fiscal e o tráfico de droga. As lojas poderiam poupar nos custos da manipulação do numerário, reduzir o roubo e, possivelmente, ganhar mais dinheiro.”¹⁸



Embora eliminar o numerário possa ser uma solução prática para a promoção dos interesses de negócio, poderá levar facilmente à opressão predita em Apocalipse 13. A revista *Bloomberg Tax* até alerta para os perigos. “Os críticos dizem que, numa economia apenas digital, os governos e os bancos poderiam assumir o controlo da tua vida financeira, deixando-te sem dinheiro apenas com o clique de um botão.”¹⁹ A economia digital, que está a expandir-se rapidamente ao redor do mundo, está a trazer-nos para muito mais perto do tempo em que a atividade de comprar e vender poderá ser facilmente controlada.

Lembre-se, o terceiro elemento da profecia sobre o sinal da besta diz respeito à adoração forçada. Isto não está incluído na pandemia atual.

É o fim?

Embora esta pandemia seja, provavelmente, um acontecimento acelerador, não deixa antever um fim iminente. Lembre-se, o terceiro elemento da profecia sobre o sinal da besta diz respeito à adoração forçada. Isto não está incluído na pandemia atual.

O que esta pandemia nos diz é que existe a tecnologia necessária para controlar grandes populações. Quanto tempo será necessário para se chegar à situação em que as pessoas aceitarão de boa mente a adoração forçada é outra questão. Ter a tecnologia para aplicar o sinal da besta é algo muito diferente de haver governos prontos a aprovar legislação religiosa. O meu palpite é que outros acontecimentos aceleradores servirão como catalisadores numa data futura. E, tal como vimos com a pandemia de coronavírus, as coisas podem avançar de modo muito rápido. É por isso que é importante confiar em Deus em todos os momentos.

O primeiro anjo de Apocalipse 14 chama-nos a adorar “aquele que fez o

céu e a terra” (Apocalipse 14:7). Adorar o nosso Deus Criador traz paz, ao sermos relembrados de que o Senhor, que faz todas as coisas, é o nosso redentor, que nos formou no ventre materno (Isaías 44:24). Nós ouvimos a Sua promessa acalentadora: “Eu, todavia, não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te tenho gravado” (Isaías 49:15 e 16).²⁰

Deus sabe exatamente quem nós somos, onde estamos e o que estamos a viver. O seu amor por nós é tão forte que as Suas mãos estão marcadas por terem agarrado os pregos na cruz. Portanto, ainda que um futuro incerto possa cobrir-nos com a sua sombra, podemos procurar as Suas mãos – em que os nossos nomes estão gravados – e saber que Ele não nos deixará cair. Ele far-nos-á passar em segurança por

Ele far-nos-á passar em segurança por esta tempestade, pois prometeu: “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, estarei contigo” (Isaías 43:1 e 2).

esta tempestade, pois prometeu: “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, estarei contigo” (Isaías 43:1 e 2).

1 Katharina Buchholz, “What Share of the World Population is Already on COVID-19 Lockdown?” *Statista*, 23 de abril de 2020.

2 Stephen Smith, “What Answers Are People Looking for From the Bible in an Age of Coronavirus?” *Bible Gateway*, 13 de março de 2020.

3 Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. IX, p. 11, CPB, Tatuí, SP.

4 Yuval Noah Harari, “The World After Coronavirus”, *Financial Times*, 20 de março de 2020.

5 Irina Ivanova, “Video Surveillance in the U. S. Described as on Par With China”, *CBS News*, 10 de dezembro de 2019.

6 Monte Reel, “Secret Cameras Record Baltimore’s Every Move from Above”, *Bloomberg Businessweek*, 23 de agosto de 2016.

7 Veja, por exemplo, estes relatos online: www.newsweek.com/google-tracking-peoples-movements-their-communities-during-coronavirus-pan-

demic-1495915; www.dailymail.co.uk/news/article-8222805/map-shows-peoples-movements-dropped-87-parts-lockdown.html; www.cnet.com/news/apple-using-maps-data-to-show-if-people-are-social-distancing-during-coronavirus-outbreak; www.gislounge.com/using-location-data-to-map-peoples-movements-social-distancing-efforts-and-the-spread-of-covid-19; fortune.com/2020/04/03/google-maps-data-mobility-reports-coronavirus-pandemic/

8 Buchholz, *op. cit.*

9 Betsy Pearl, Lee Hunter, Kenny Lo e Ed Chung, “The Enforcement of COVID-19 Stay-at-Home Orders”, *Center for American Progress*, 2 de abril de 2020.

10 “Coronavirus: How Are Lockdowns and Other Measures Being Enforced?”, *BBC News*, 17 de março de 2020.

11 Kelsey Dallas, “Yes, the Government Can Force Churches to Close. Here’s Why”, *Deseret News*, 21 de março de 2020.

12 “Why Going Cashless Has Added Value in Pandemic Age: Quick-Take”, *Bloomberg Tax*, 15 de abril de 2020.

13 Jessie Yeung, “China Is Disinfecting and Destroying Cash to Contain the Coronavirus”, *CNN*, 17 de fevereiro de 2020.

14 “Why Going Cashless Has Added Value in Pandemic Age”.

15 “Sweden – The First Cashless Society?” 11 de setembro de 2019. <https://sweden.se/business/cashless-society>.

16 Scott Horsley, “China to Teste Digital Currency. Could It End Up Challenging the Dollar Globally?”, *NPR*, 13 de Janeiro de 2020.

17 *Ibidem*.

18 “Why Going Cashless Has Added Value in Pandemic Age”.

19 *Ibidem*.

20 A versão bíblica emprega neste artigo é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida.



Francisco H. Ramos Mejía
Arauto da verdade Protestante



Aécio E. Cairus

Historiador

Retirado da revista *Adventist World* de dezembro de 2018.

Hoje há Adventistas do Sétimo Dia em todas as partes do globo graças aos esforços evangélicos liderados e financiados, em grande parte, por Norte-Americanos desde meados do século XIX. Mas o movimento pode ter raízes noutras terras há mais tempo. Isto pode ser afirmado com base num manuscrito recentemente descoberto, que se pensava estar perdido, datado de 1818 e escrito por alguém que não só cria na iminente Segunda Vinda, mas também no Sábado bíblico e no estado inconsciente dos mortos.

Antes dos Milleritas

O movimento millerita, fundado nos Estados Unidos da América na década de 1840, foi precedido pelo Movimento Europeu do Advento, que ocorreu a partir do fim da década de 1820. Este Movimento do Advento foi fortemente influenciado pelo livro *A Vinda do Messias em Glória e Majestade*, escrito pelo sacerdote jesuíta Manuel Lacunza (Chile, 1731 – Itália, 1801), enquanto estava exilado nos Estados Pontifícios na década de 1790. Esta obra mostrava que a Bíblia coloca a Segunda Vinda antes, e não depois, do Milénio. Toda a Cristandade daquele tempo pensava que esse evento seria adiado até que todos os governos do mundo se sujei-

tassem à Igreja Cristã num milénio de paz e de prosperidade.

Edward Irving traduziu o manuscrito de Lacunza para inglês em 1825, e os entusiastas da profecia começaram a estudá-lo a sério durante as Conferências de Albury Park (1826-1831), perto de Londres, em Inglaterra. O diálogo público sobre o tema alastrou a outros foros, a outras publicações e a outros livros. Em breve a compreensão da Segunda Vinda como sendo um evento anterior ao Milénio veio a ser aceite pelas Igrejas evangélicas. No entanto, as Igrejas tradicionais, Católica ou Protestantes, estavam por de mais amarradas aos seus governos para aceitar as ideias de Lacunza e de Albury Park, que não queriam a conversão do mundo inteiro, mas apenas a pregação mundial do

Os seus escritos demonstram que pessoas de diferentes raças e culturas podem chegar às teses distintivas e características do Adventismo do Sétimo Dia a partir de uma leitura da Bíblia, independentemente de escritores humanos ou de missionários.

Evangelho como pré-requisito para a Segunda Vinda.

William Miller chegou às suas convicções pré-milenaristas em 1816-1818, depois de verificar os fundamentos bíblicos das ideias pré-milenaristas do seu tempo. Quando os ecos do Movimento Europeu do Advento alcançaram as costas da América do Norte, Miller já fora convidado a pregar, assim lançando o Movimento do Advento Norte-Americano.

Embora Miller seja o mais importante precedente do Adventismo do Sétimo Dia na América do Norte do século XIX, ele diferia dos modernos Adventistas do Sétimo Dia em dois pontos importantes. Miller não cria no Sábado, nem no estado inconsciente dos mortos. No entanto, o Sábado bíblico foi aceite por um grupo de Milleritas liderado por Joseph Bates e por James White entre 1848 e 1850. George Storrs, outro pregador millerita, convenceu-os quanto ao estado inconsciente dos mortos.

Entretanto, na América do Sul...

Mas, na América do Sul, outro homem pregou todo o pacote de doutrinas distintivas que caracteriza agora os Adventistas do Sétimo Dia, décadas antes de Bates e White o terem feito. Francisco H. Ramos Mejía (ou Mexia, 1773-1828), educado num seminário católico na Argentina, adquiriu a obra de Lacunza em 1816 ou 1817. Ramos Mejía escreveu abundantes notas nas suas páginas, defendendo não apenas o pré-milenarismo, mas também o estado inconsciente dos mortos. Em 1820, ele recebeu ordens do governo

de Buenos Aires para parar e desistir de observar e espalhar a mensagem sobre o Sábado bíblico.

Os académicos Adventistas do Sétimo Dia tinham alguma noção da existência de escritos de Ramos Mejía, graças a um artigo de 1913 publicado numa revista Protestante de Buenos Aires. No entanto, por mais que tentassem, foram incapazes de obter quaisquer desses escritos até 2016, data em que uma apreciável porção dos seus manuscritos foi doada anonimamente. Outros manuscritos pereceram, destruídos pelos descendentes de Ramos Mejía, ofendidos pelas suas opiniões, que se opunham à teologia católica. Os manuscritos doados estão agora sediados na Biblioteca da Universidade Adventista de River Plate, na Argentina.

A importância de Ramos Mejía

Ramos Mejía, um patriota argentino, foi eleito membro do conselho municipal de Buenos Aires (1810 e 1811), trabalhou como rancheiro de gado, ensinou doutrina religiosa a povos indígenas locais e serviu como representante destes em acordos estabelecidos (e repetidamente violados) pelo governo federal. A sua proximidade da população nativa alimentou a desconfiança e a suspeita por parte do governo, que ordenou a Ramos Mejía que regressasse do território índio, confinando-o noutra rancho, *Los Tapias* (perto da atual cidade chamada Ramos Mejía, na área metropolitana de Buenos Aires) até à sua morte.

Ramos Mejía tem interesse histórico para os Protestantes porque, apesar de ter sido educado por Jesuítas, veio

a demonstrar a sua adesão a pontos de vista evangélicos. Ele rejeitou, em especial, a presença real de Cristo na hóstia e no vinho da missa, sendo que condenou esta como idolatria. Para ele, “o justo vive pela fé perante Jesus”.¹

Ramos Mejía também considerou a doutrina sobre o Papa ser o vigário de Jesus como “uma antiga iniquidade” perante o verdadeiro sacerdócio e a real liderança de Jesus Cristo. Ele declarou: “Onde está o Anticristo? Apocalipse 13:3” – referindo-se ao texto que diz: “E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.”

Ramos Mejía considerava a obra de Lacunza de grande interesse. Ele baseou a sua esperança na vida para além da sepultura apenas na ressurreição: “O homem e a sua alma, ou seja qual for o nome que se dê a esta última, dissolver-se-á, pois ‘em pó te tornarás’ [Gênesis 3:19]. Mas, mais tarde, ele ressurgirá, cavalheiros!” O seu conceito de humanidade era muito moderno: “Se o corpo do homem é apenas pó, o seu espírito nada mais é do que a sua organização para a vida racional, dado que o espírito e a vida são a mesma coisa (veja João 6:63).”

Ramos Mejía contrastava “a delicada lei do Sábado, que procede diretamente da vontade do Criador”, contra a “nota discordante” da guarda do domingo. Mantinha que, embora o domingo se pareça superficialmente com o Sábado (como o sacrifício de Caim), falha totalmente em alcançar o seu significado interior. Enquanto o cordeiro de Abel prefigurava o Cor-

Ramos Mejía contrastava “a delicada lei do Sábado, que procede diretamente da vontade do Criador”, contra a “nota discordante” da guarda do domingo.

deiro de Deus, os legumes de Caim eram apenas uma “nota discordante”. Portanto, a observância do Sábado como verdadeiro dia de repouso deve ser “restaurada ao seu estado pristino”.

Os Adventistas na América do Norte recuperaram conceitos bíblicos como o Sábado e o estado inconsciente dos mortos, sem a ajuda de Ramos Mejía. Mas os seus escritos demonstram que pessoas de diferentes raças e culturas podem chegar às teses distintas e características do Adventismo do Sétimo Dia a partir de uma leitura da Bíblia, independentemente de escritores humanos ou de missionários.

O último aviso do Céu a este mundo deve ir a “toda a nação, e tribo, e língua, e povo” (Apocalipse 14:6). A aparição recente de um antigo manuscrito escrito em espanhol com 200 anos parece ser um sinal da providência para nos lembrar da nossa responsabilidade de, com urgência, espalharmos amplamente esta mensagem bíblica.

¹ As citações deste artigo (que não as bíblicas) são de “Ramos Mejía, el primero adventista moderno”, por Juan Carlos Piora em *Revista Adventista*, março de 2017.

Juan cresceu numa
pequena aldeia
isolada na selva do
Sudeste do Equador.
O seu povo pouco
conhecia sobre Deus.



Charlotte Ishkanian
Escritora free-lancer

*Retirado da revista Adventist
World de março de 2019.*

Luz na selva

Juan saiu do autocarro e olhou em redor, para se orientar. O adolescente nunca tinha estado numa cidade, nunca tinha visto prédios tão altos e ruas tão apinhadas. Mas não tinha tempo para contemplar a cena, pois estava numa missão. No entanto, não sabia por onde começar. Ele inclinou a cabeça e orou: “Deus, dirige-me até às pessoas que guardam o teu Sábado.” Depois, começou a andar.

Ele passou por lojas cheias de clientes e desviou-se de carros que buzinavam. Deteve-se em frente de um Teatro e observou as pessoas a entram. Não estando certo do que estava a acontecer lá dentro, seguiu a multidão que subia as escadas até chegar à grande porta. Junto da porta, uma mulher deu-lhe as boas-vindas e dirigiu-o para uma grande sala cheia de pessoas. Ele sentou-se e aguardou.

A longa viagem de Juan

Juan cresceu numa pequena aldeia isolada na selva do Sudeste do Equador. O seu povo pouco conhecia sobre Deus. Mas Juan, desejoso de aprender tudo o que podia, frequentou a Escola Secundária noutra pequena povoação. Quando alguém lhe deu um Novo Testamento, ele leu-o avidamente. Descobriu verdades sobre Deus de que nunca tinha ouvido falar. Uma fome cresceu no seu coração e Juan pediu a Deus para lhe ensinar a seguir Jesus.

Juan costumava caminhar até uma outra povoação, de modo a adquirir mantimentos para a sua família. Uma vez, enquanto lá se encontrava, descobriu um livro meio desfeito junto de uma pilha de lixo. Pegou nele e começou a lê-lo. O livro, intitulado *Os Princípios da Vida*, escrito por Ellen G. White, confirmou o que Juan tinha vindo a ler na sua Bíblia. Uma verdade destacava-se: o Sábado. Ele nunca tinha ouvido falar de uma Igreja que guardasse o Sábado, mas o anseio do seu coração não abrandava, pelo que, aos 19 anos, Juan partiu em busca do povo que guardava o Sábado.

Caminhou pela selva durante três dias para alcançar a povoação maior mais próxima. Ali, perguntou aos habitantes onde poderia encontrar as pessoas que adoram ao Sábado. Mas ninguém conhecia qualquer guardador do Sábado naquele lugar. “Vai até Ambato”, alguém lhe disse por fim. Assim, com o seu último dinheiro, Juan comprou uma passagem de camioneta até Ambato. Chegou lá ao fim da tarde e começou

a caminhar em busca do povo de Deus. Foi então que ele encontrou o Teatro.

Encontrando o povo de Deus

Pouco tempo depois de Juan se ter sentado, um homem levantou-se para falar. Juan escutou com um entusiasmo crescente à medida que o homem falava de Deus, do Sábado e de outras verdades que ele tinha lido na sua Bíblia. Juan estava certo de que Deus o tinha guiado desde o seu lar na selva até este Teatro, para que pudesse encontrar pessoas que guardavam os Seus mandamentos.

Depois da reunião, Juan encontrou o Pastor e disse-lhe: “Quero ser batizado!”

O surpreendido Pastor pediu para se encontrar com Juan no dia seguinte. Um membro leigo ofereceu a Juan um lugar onde ficar e levou-o a visitar o Pastor na manhã seguinte. À medida que questionava Juan, o Pastor percebeu que este miúdo conhecia bem a Palavra de Deus. Ele concordou em batizá-lo. Juan nunca tinha estado dentro de uma igreja Adventista do Sétimo Dia até ao dia em que foi batizado.

Um Deus para partilhar

Juan estava ansioso para regressar a casa, de modo a partilhar a sua nova fé. Disse aos habitantes da sua aldeia: “Temos um Deus que nos ama e que Se quer reunir connosco no Seu Sábado. Ele tem muitas coisas para nos ensinar.”

Inicialmente, poucas pessoas escutaram a mensagem de Juan. Mas, à medida que Juan partilhava a sua

fé durante os quatro meses seguintes, algumas pessoas começaram a aceitar aquilo que ele estava a ensinar.

Juan percebeu que necessitava de ajuda para ensinar o povo sobre tudo o que era necessário saber. Assim, fez uma nova viagem de regresso a Ambato para convidar o Pastor a visitar a sua aldeia e a ajudá-lo a ensinar o povo. O Pastor concordou em ir, e os dois homens voaram para uma pista de aviação na floresta tropical. Eles contrataram alguns homens para ajudarem a carregar o material que o Pastor tinha trazido; depois, caminharam durante um dia e meio através da selva, sob um calor opressivo e através de nuvens de mosquitos, cruzando vários rios, até chegarem à aldeia de Saant.

As primícias da fé

O Pastor deu aulas sobre saúde, casamento e vida familiar, bem como sobre a Bíblia. Juan já tinha ensinado o povo sobre tudo o que ele conhecia destas verdades, pelo que, no fim da semana, 15 pessoas estavam prontas para serem batizadas. Vários homens aceitaram os ensinamentos bíblicos, mas não puderam ser imediatamente batizados porque tinham duas mulheres. Mas eles prometeram estar prontos para o batismo na próxima vez que o Pastor viesse.

Depois de o Pastor ter regressado a Ambato, Juan continuou a partilhar a Palavra de Deus na sua aldeia e em várias aldeias vizinhas. Cinco meses depois, o Pastor regressou para ensinar durante outra semana e para batizar aqueles que estavam prontos. Por esta altura, os aldeões tinham construído uma igreja simples, de paredes de ma-

deira e teto de palha, que estava cheia de adoradores no Sábado.

A ADRA patrocinou um programa de literacia para ensinar as pessoas a ler, de forma que pudessem ler a Bíblia por si mesmas. Os membros da igreja de Ambato vieram até à aldeia e realizaram um grande programa de saúde e uma Escola Cristã de Férias para os aldeões.

Uma igreja em crescimento

Hoje, muitas pessoas da aldeia de Juan, em plena selva, entregaram a sua vida a Deus e foram batizadas na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Alguns dos novos crentes ajudam Juan a espalhar a mensagem de Deus aos que vivem em outras aldeias e que aguardam para ouvir o Evangelho. Capelas simples erguem-se agora em várias dessas aldeias.

Juan agradece a Deus por o ter conduzido até à Igreja Adventista do Sétimo Dia e por o ter ajudado a partilhar a mensagem do Evangelho com outras pessoas.

A ADRA patrocinou um programa de literacia para ensinar as pessoas a ler, de forma que pudessem ler a Bíblia por si mesmas. Os membros da igreja de Ambato vieram até à aldeia e realizaram um grande programa de saúde e uma Escola Cristã de Férias para os aldeões.

Quebrantando ou libertando?

JESUS, O SÁBADO E JOÃO 5:18



Steven Thompson
Teólogo

João 5 registra a visita de Jesus ao tanque de Betesda quando estava em Jerusalém durante uma importante celebração religiosa.

João 5:18 é tipicamente traduzido do seguinte modo: “Por isso, os judeus ainda mais procuravam matá-lo [Jesus],

porque não só *quebrantava* o sábado [...]” (*ARC*, ênfase acrescentada.) Esta leitura leva naturalmente à pergunta: Jesus realmente quebrou o Sábado?

Uma tradução mais sensível ao contexto do verbo grego *luô* neste versículo oferece uma mensagem fundamentalmente diferente sobre a relação de Jesus com o Sábado. A tradução deve ser a seguinte: “Esta é a razão por que os Judeus procuravam matá-lo; ele não apenas estava *a libertar* o Sábado [...]”¹ Pode esta tradução, que recebeu pouca atenção dos tradutores e dos comentadores, ser justificada? Não será que esta tradução, caso seja válida, resolve um problema teológico – o problema de se retratar Jesus,

o nosso sacrifício sem pecado, como tendo pecado?

Libertando

O Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento² com mais autoridade oferece cinco definições do verbo *luô*; as primeiras quatro definições são as mais relevantes para João 5:18:

1. “Desfazer algo que é usado para amarrar ou constringer algo, soltar, desamarrar.”

2. “Libertar algo amarrado ou constringido de algum modo, libertar, soltar, desamarrar.”

3. “Reduzir algo violentamente às suas partes componentes, destruir.”

4. “Eliminar, destruir, terminar, abolir.”³

As seis ocorrências de *luô* no Evangelho de João são corretamente distribuídas entre estas quatro definições da seguinte forma:

1. João 1:27: “Não sou digno de *desatar* a correia da sua sandália”; João 11:44: “*desamarrai-o* [Lázaro] e deixai-o ir.”

2. João 5:18: “[Jesus] estava a *libertar, soltar, desamarrar* o Sábado.”

3. João 2:19: “*Destruam* este templo e em três dias o reconstruirei”; João 7:23: “Um homem é circuncidado no Sábado para não se *destruir* [um componente de] a Lei de Moisés.”

4. João 10:35: “E a Escritura não pode ser *abolida*.”

Há, portanto, justificação linguística para se traduzir *luô* em João 5:18 como “libertar”. O passo seguinte para se justificar esta tradução consiste em se localizar a passagem no seu contexto cultural e religioso.

A cura

João 5 registra a visita de Jesus ao tanque de Betesda quando estava em Jerusalém durante uma importante celebração religiosa.⁴ Porque o tanque era tido com sendo um lugar onde ocorriam curas divinas, muitos dos doentes da cidade aguardavam sob os cinco pórticos que o rodeavam, na esperança de serem curados. Entre eles estava um homem doente há 38 anos (João 5:5), um número significativo de anos para o povo judeu. A peregrinação no deserto dos antepassados israelitas – desde que recusaram a ordem de Deus



para entrarem na Terra Prometida até terem finalmente entrado – durou 38 anos (veja Deuteronómio 2:14).

Jesus, vendo o homem doente, perguntou: “Queres ficar são?” (João 5:6.) Que pergunta estranha. Claro que ele queria ficar curado. De outro modo, porque teria ele passado tanto tempo perto daquelas águas curativas?

No entanto, em vez de responder à pergunta de Jesus, ele começou a explicar a razão por que ainda estava doente: “Não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me meta no tanque; mas, quando eu vou, desce outro antes de mim” (João 5:7). Será que esta declaração pode ser compreendida não apenas como um resumo da sua experiência pessoal, mas também como um eco dos 38 anos que os seus antepassados israelitas passaram no deserto, “esperando” para entrar nas águas do rio Jordão de modo a alcançarem a Terra Prometida?

Se assim é, Jesus estaria a perguntar, na realidade, ao homem doente se ele, ao contrário dos seus antepassados hebreus, estava pronto para se entregar totalmente à vontade de Deus, de

Jesus, vendo o homem doente, perguntou: “Queres ficar são?” (João 5:6.) Que pergunta estranha. Claro que ele queria ficar curado.

modo a experimentar a cura tão almejada. E estava ele pronto a parar com a sua conversa de que “não é culpa minha” numa tentativa para explicar a sua doença? Jesus não reage à tentativa do homem de dar conta da sua situação. Ele pronuncia uma breve ordem: “Levanta-te, e toma a tua cama, e anda” (João 5:8).

Levanta-te e anda

A ordem “levanta-te, e toma a tua cama, e anda” tem uma história sagrada. Jesus estava a citar e a adaptar a ordem de Deus “levanta-te e anda” que Ele pronunciou em momentos cruciais da história do povo hebreu.



Por exemplo, Deus ordenou duas vezes a Abrão “levanta-te e anda”, para que ele se dirigisse para a terra que Ele lhe tinha prometido anteriormente como parte da formação de um novo povo (Gênesis 12:1; 13:17). Deus ordenou a Elias “levanta-te e anda”, para que ele se dirigisse a Sarepta, perto de Sídon, enquanto a fome devastava Israel (I Reis 17:9 e 10). Ele ordenou duas vezes a Jeremias “levanta-te e anda”, para que ele cumprisse o seu ministério profético (Jeremias 13:6; 18:2). Ezequiel recebeu a ordem “levanta-te e anda” quando Deus o preparou para que falasse aos seus compatriotas hebreus no exílio babilônico (Ezequiel 3:22). Deus ordenou duas vezes a Jonas “levanta-te e anda”, para que ele se dirigisse a Nínive, tanto antes como depois do episódio com o grande peixe (Jonas 1:2; 3:2).

Uma cerca protetora

Este rico pano de fundo que con-

textualiza a ordem de Jesus dirigida ao homem doente teria sido familiar para ele e para aqueles que, nas proximidades, a ouviram. Por causa da sua história bíblica, a ordem de Jesus seria entendida como tendo uma dupla mensagem: Primeiro, sê curado! Segundo, parte numa missão indicada por Deus, testemunha da genuinidade da tua cura e testemunha sobre a sua Fonte – Jesus. A cura do homem doente e a sua obediência à ordem de Jesus foram imediatas: “Logo aquele homem ficou são, e tomou a sua cama, e partiu” (João 5:9a). E ele viveu são para sempre? Não nos é dito; a narrativa dirige a nossa atenção para outra coisa – o calendário: “E aquele dia era Sábado” (João 5:9b).

Para o povo judeu dos dias de Jesus, especialmente em Jerusalém, a vida durante o Sábado era controlada e minuciosamente gerida num nível de detalhe que ia muito além do que Deus tinha especificado em Êxodo



20:8-11. Por que razão havia tal gestão minuciosa, quando o próprio mandamento do Sábado é relativamente breve? Este processo começou cinco séculos antes, depois do cativo babilónico, quando alguns cativos e os seus descendentes regressaram à sua pátria na Judeia. Muitos reconheceram como certo aquilo de que os profetas os tinham alertado: O seu cativo em Babilónia fora devido à indiferença multigeracional do povo hebreu ante a vontade de Deus expressa nos Dez Mandamentos, incluindo o mandamento do Sábado.

Então, num esforço para impedir que esta tragédia se repetisse de novo, os líderes religiosos judeus desenvolveram “uma cerca ao redor da lei” para impedir a violação dos Dez Mandamentos. Se houvesse regulamentos detalhados, como uma cerca protetora, estes ajudariam a garantir que o povo não violava essas leis. Essa era a ideia. Esta cerca expandida de regulamentos foi transmitida oralmente, de geração em geração, e, eventualmente, foi preservada por escrito na *Mishnah*,⁵ cerca de um século depois de Jesus ter vivido.

A cerca do Sábado?

O modo como esta detalhada “cerca ao redor da lei” tentou proteger o quarto mandamento é visto na lista de 39 tipos de “trabalho” proibido no Sábado. O 39º tipo de trabalho proibido no Sábado é expresso como “levar um objeto de um domínio para outro domínio”.⁶ Esta distinção entre “domínio privado” e “domínio público” teve impacto na maior parte das restrições da *Mishnah* sobre transporte de obje-

tos. Aquilo que uma pessoa podia levar num lar privado no Sábado podia ser proibido em público. Por outras palavras, a lei da *Mishnah* estava diretamente envolvida quando o homem junto do tanque, por ordem de Jesus, pegou na sua cama e a levou do “domínio privado” do pórtico do tanque para o “domínio público” da rua.

As autoridades rabínicas judias discordavam quanto ao que podia ou não podia ser legalmente carregado no Sábado. Por exemplo, segundo uma autoridade, um Judeu que ajudasse um Gentio a colocar uma carga no seu burro durante a tarde de sexta-feira seria culpado de infringir o Sábado caso o Gentio não chegasse ao seu destino e não removesse a carga antes de começar o Sábado. Mas outras autoridades declaravam que o Judeu auxiliador não seria culpado de infringir o Sábado, mesmo se o Gentio não descarregasse o seu burro antes do Sábado.⁷

Ora, dentro deste sistema legal labiríntico, o que dizer de um homem que carregava a sua cama no Sábado? Carregar uma cama no Sábado era permitido, desde que isso fosse feito por duas pessoas “porque nenhuma delas realizava completamente um trabalho proibido.”⁸ Era permitido carregar uma pessoa doente numa cama no Sábado. Talvez tenha sido no Sábado que alguns homens levaram um paralisado numa cama e o desceram através do telhado até à presença de Jesus (Lucas 5:18-20). Se assim foi, embora os homens não tenham infringido as restrições rabínicas sobre o Sábado ao carregarem o paralisado, eles certamente as infringiram quando

o ergueram até ao telhado, afastaram as telhas e o desceram através dessa abertura!

Caso Jesus tivesse pedido a um discípulo ou a outra pessoa presente que ajudasse o homem curado a carregar a sua cama, os oponentes de Jesus não teriam fundamentos para acusar o homem de infringir o Sábado. Mas Jesus instruiu-o para que ele a levasse só, sem ajuda. Os oponentes de Jesus teriam esperado de antemão que o homem curado, carregando a sua cama, deixasse o “domínio” do pórtico e entrasse no “domínio” da rua. Aquele primeiro passo dado na rua, segundo a lei da *Mishnah*, infringiu o Sábado. Logo que o homem curado passou para a rua, eles confrontaram-no: “É Sábado, não te é lícito levar a cama” (João 5:10).

Quebrantando ou libertando o Sábado?

Neste contexto, pois, chegamos à questão implícita no título deste artigo: Quando Jesus ordenou ao homem curado para que tomasse a sua cama e começasse a andar, Ele estava a *quebrantar* o Sábado ou a *libertar* o Sábado?

Quando lido à luz do seu contexto linguístico, social e religioso, João 5:18 declara que, ao curar o homem doente e ao enviá-lo para a sua vida, carregando a sua cama como testemunho do poder curador de Deus, Jesus não estava a *quebrantar* o Sábado. Em vez disso, ao fazer “estas coisas no Sábado” (João 5:16), Jesus estava a *libertar* o Sábado de restrições não bíblicas, produtoras de ansiedade e estabeleci-

Para além de *libertar* o Sábado, Jesus também estava a repetir a antiga ordem de Deus dirigida ao Seu povo – “Levanta-te e anda” – para que este cumprisse a missão que Ele lhe atribuíra.

das por homens. Para além de *libertar* o Sábado, Jesus também estava a repetir a antiga ordem de Deus dirigida ao Seu povo – “Levanta-te e anda” – para que este cumprisse a missão que Ele lhe atribuíra.

Se este meu argumento está correto, então a tradução comum de João 5:18, sobre Jesus “quebrantar o Sábado” (que, se fosse correta, teria sérias consequências para a teologia cristã), infelizmente trai completamente o sentido e o objetivo do texto.

1
A não ser que seja dada outra indicação, as citações das Escrituras são resultantes da tradução dos textos pelo próprio autor.

2
Frederick W. Danker, Walter Bauer, William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3ª ed. (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000), abreviado como BDAG.

3
BDAG, s.v. “*λύω*”.

4
Nalguns antigos manuscritos, o tanque é chamado “Betesda” e outros “Betsaida”.

5
As citações e as explicações da *Mishnah* são retiradas do website https://www.sefaria.org/Mishnah_Shabbat.

6
Mishnah *Shabbat* 7:2.

7
Mishnah *Shabbat* 1:7.

8
Mishnah *Shabbat* 10:5.



ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

O Cânone Bíblico

O Cânone ou regra que designa o que é definido como a revelação ou o oráculo de Deus para a Humanidade, commumente designado por Bíblia Sagrada, traz em si mesmo a marca da sua origem. Ellen G. White inicia as páginas do *best-seller O Caminho para a Esperança* escrevendo: “Tanto a Natureza como a Revelação testificam do amor de Deus.”¹ A revelação e a criação estão presentes ao longo de todo o Cânone bíblico, relatando a nossa origem e a revelação de Jesus Cristo como o maior ato de amor de Deus para com o ser humano. “Ao sair das mãos do Criador, Adão era de nobre estatura e de bela simetria. ... Ela [Eva] também era nobre, perfeita em simetria e muito bela.”² As Escrituras não se limitam a relatar a origem de todas as coisas e da Humanidade “à imagem e semelhança” de Deus (Gênesis 1 e 2). Elas abrem o véu para a origem de todos os males que assolam este Planeta (Gênesis 3) e apresentam a solução para a restauração de todas as coisas em Cristo Jesus (João 3:16 e 17, Apocalipse 21:5). “E, em breve, os portões do Céu serão abertos de par em par para receber os filhos de Deus, e dos lábios do Rei da glória soará a bênção que penetrará nos seus ouvidos como a mais preciosa música: ‘Vinde,

benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.’ Mateus 25:34.”³

Este depósito de verdades sagradas, antes de ser colocado sob a forma escrita, foi comunicado de geração em geração através da transmissão oral. O número de anos que viviam os primeiros seres humanos facilitou, sem dúvida, essa transmissão. Com a diminuição do tempo de vida, Deus decidiu colocar sob a forma escrita os seus oráculos. Confiou primeiramente essa tarefa a Moisés e, depois, a sucessivos profetas, que falaram inspirados pelo Espírito Santo (II Pedro 1:20 e 21). Deus designou o povo hebreu para formar e conservar o Cânone do Antigo Testamento de forma escrita (Romanos 3:2).

Com a revelação máxima de Deus na pessoa de Jesus Cristo (Hebreus 1:1-3), era importante que o relato da vida, da morte e da ressurreição de Jesus fosse reproduzido sob forma escrita, bem como os atos apostólicos que se seguiram. “O Novo Testamento, também escrito por Judeus, sob a inspiração direta do Senhor, foi formado, sob a ação desse mesmo Espírito, pelos crentes dos primeiros séculos da Igreja.”⁴

“As verdades reveladas nela [Bíblia], são inspiradas por Deus; são, contudo, expressas em palavras de homens e adaptadas às necessidades humanas. Assim se poderia afirmar acerca do Livro de Deus o que se disse de Cristo, que ‘O Verbo se fez carne, e habitou entre nós’. João 1:4.”⁵

1
Sabugo: Publicadora SerVir, 2018, p. 7.

2
Ellen G. White, *História da Esperança*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2017, pp. 14 e 15.

3
Ellen G. White, *O Caminho para a Esperança*, Sabugo:

Publicadora SerVir, 2018, p. 133.

4
R. Saillens, citado por Alfred Vaucher, *L'Histoire du Salut*, Dammarié les Lys: Vie et Santé, 1987, p. 29.

5
Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. V, Tatuí, SP: CPB, 2007, p. 747.

A importância da nossa entrega à missão



—
Fátima Faria
Jornalista

Estávamos em fevereiro de 2019, quando iniciei, com cinco jovens, um Pequeno Grupo de Adolescentes (no âmbito do meu projeto da formação SAL), sendo que, pouco a pouco, se foram agregando outros, perfazendo um total de oito jovens, cujas idades variavam entre os 12 e os 21 anos. Começámos por nos reunir quinzenalmente, estudando diversas temáticas bíblicas (como, por exemplo, a Fé, a Confiança e a Segurança em Deus, o Santuário) durante um ano.

Entretanto, em fevereiro de 2020, surgiu mais uma formação SAL e vim a frequentar o curso de “Instrutor Bíblico”. Mais uma vez, houve a necessidade de fazer a escolha de um novo projeto no contexto desta formação. Como o Pequeno Grupo estava a funcionar presencialmente nesta altura, com cin-

co elementos, optei pelo seguinte projeto: “Instrução bíblica, fora do formato tradicional, num Pequeno Grupo.”

Foi então que, levando o assunto a Deus em oração, senti que devia son- dar duas jovens sobre a sua disponibi- lidade para o batismo, pois já frequen- tavam o Pequeno Grupo há um ano, sendo ambas filhas de pais Adventis- tas. Perante as suas respostas positivas, partimos para os estudos bíblicos de preparação para o batismo.

Assim, nesse ano, com o agravar da pandemia de Covid-19, os jovens propuseram que as reuniões do Pe- queno Grupo passassem a acontecer semanalmente, pela plataforma *Zoom*, porque, segundo eles, “era bom con- tinuarmos juntos a estudar a Bíblia”, uma vez que estavam “fechados em casa” pelas contingências da situação. Desta forma, estaríamos unidos e o tempo passaria mais facilmente.

Após cerca de meio ano de estu- dos, marcámos a data para o grande dia do batismo. Seria no mês de setembro de 2020. Tal não chegou a realizar-se por causa da situação pandémica que

se vivia na altura, pois as restrições impostas em consequência da Covid-19 obrigavam a um estrito confinamento.

Enquanto aguardávamos pelo aliviar das referidas restrições, os membros da igreja de Sintra uniram-se em oração, pedindo a Deus que permitisse que as duas jovens se batizassem na Natureza, como elas tanto desejavam. Os meses foram passando e, embora o Pequeno Grupo tivesse o seu término em agosto de 2020, eu continuava em contacto com elas. Assim, em maio de 2021, marcámos uma nova data para o batismo: 3 de julho de 2021.

Chegámos à data agendada. No bonito cenário das margens da Foz do Lizandro, na Ericeira, pudemos assistir à cerimónia batismal da Rute Silva (de 15 anos) e da Maria Clara Miranda (de 16 anos).

Foi com grande alegria que cerca de trinta pessoas (familiares, membros de igreja e seis visitas) assistiam, finalmente, ao batismo destas duas queridas jovens, que decidiram entregar-se a Jesus, tornando-se membros da igreja Adventista do Sétimo Dia de Sintra.

Perante os seus testemunhos e o apelo do Pastor Daniel Bastos, convidado para presidir ao evento, três pessoas aceitaram preparar-se para o batismo. Deus seja louvado, porque o Espírito Santo continua a tocar corações!

Estou muito grata a Deus por ter participado das formações SAL, que me motivam ainda mais a ser uma discípula, capacitando-me para ajudar outros a conhecerem Jesus e a tornarem-se também discípulos.

Que Deus abençoe a vida destas duas jovens. Que elas O busquem to-



dos os dias da sua vida é a minha oração. Oremos para que Deus nos use onde quer que seja necessário e para que possamos partilhar o Evangelho de Jesus sem preconceitos.

“E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá, liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte” (Tiago 1:5 e 6).

“Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos” (João 15:8).

Glória e honra sejam dadas ao nosso amado Salvador!





A Bíblia, indispensável na família?

No dia 21 de setembro de 1938, a costa leste dos Estados Unidos da América foi varrida pelo pior furacão de sempre (conhecido como “New England”) que assolou este país. O prejuízo financeiro rondou os cinco mil milhões de dólares. 57 000 lares foram destruídos e cerca de 700 pessoas perderam a vida. Naquele dia de manhã, um senhor, residente na ilha de Long Island, NY, recebeu um barómetro muito caro que tinha encomendado. A agulha do aparelho indicava a existência de um furacão. Por nada ver ao seu redor que indicasse a existência de um ciclone, assumiu que o barómetro estava estragado. Apresou-se imediatamente a redigir uma reclamação à empresa que fizera o envio,

exigindo o pronto reembolso da quantia gasta. Concluída esta tarefa, saiu para o seu trabalho. Passadas poucas horas, o céu tornou-se mais escuro, o tempo mudou e finalmente o furacão que tinha tido início a 9 de setembro, na costa ocidental de África, chegou de forma fulminante àquela ilha, destruindo tudo, incluindo a casa e o barómetro do homem. O erro dele foi ter ignorado as indicações daquele valioso instrumento porque discordavam da informação que os seus sentidos lhe transmitiam.

A Palavra de Deus é considerada, nos Salmos, como uma lâmpada ou uma luz (Salmo 119:105) e, assim como o barómetro acima mencionado, pode dar-nos uma informação correta sobre o ambiente à nossa volta e sobre os riscos e as tempestades que, de forma desastrosa, podem afetar as famílias dos nossos dias. Paulo, por exemplo, diz-nos que, nos últimos dias, o ser humano seria egoísta e avarento, os filhos seriam desobedientes aos seus pais e as pessoas em geral seriam

ingratas e sem amor pela família ou sem afeto natural (I Timóteo 3:1-5). Os últimos dias seriam, portando, muito difíceis para a família e é fácil constatar quão verdadeira é essa profecia.

No entanto, a Bíblia não apenas nos adverte em relação aos perigos. Dá-nos também orientações para os evitar. Afinal, ela é uma luz para o nosso caminho. Abraão foi escolhido porque iria ordenar os seus filhos no caminho do Senhor (Gênesis 18:19). Israel foi instruído a guardar a Palavra do Senhor no seu coração e a inculcá-la nos seus filhos constantemente (Deuteronômio 6:4-9). Sobre esta missão, Ellen G. White faz a seguinte exortação.

“É necessário ter o cuidado constante de cultivar o terreno da mente e de semear nele a preciosa semente da verdade bíblica. As crianças devem ser ensinadas a rejeitarem os contos sem valor, excitantes, e a voltarem-se para a leitura sensata, que levará o espírito a interessar-se pela narração, pela história e pela argumentação da Bíblia. A leitura que lança luz sobre o Volume Sagrado, e que desperta o desejo de estudar, não é perigosa, mas proveitosa. É impossível que os jovens possuam uma saudável disposição mental e princípios religiosos corretos, a menos que apreciem a leitura atenta da Palavra de Deus. Este livro contém a mais interessante história, indica o caminho da salvação por meio de Cristo, e é o seu Guia para uma vida mais elevada e melhor.” – Ellen G. White, *O Lar Cristão*, p. 400, ed. P. SerVir.

A grande questão que se põe é: Quando e como fazê-lo? À partida, os cultos diários da família e os momen-

tos de comunhão pessoal com Deus na vida de cada membro da família serão os momentos por excelência para o estudo da Bíblia no lar, mas, com criatividade, a Bíblia pode ser integrada noutros setores da vida doméstica, como, por exemplo, na vida escolar, nas conversas informais e até nos momentos lúdicos e recreativos.

O ritmo intenso da vida moderna constitui-se, entretanto, como o grande obstáculo para o esforço de tornar a Bíblia na voz dominante do lar. Sem pertencer aos nossos tempos, Suzana Wesley (1669-1742), mãe de John e de Charles Wesley, teve uma tarefa nada fácil: Educar os seus dez filhos nos caminhos do Senhor, muitas vezes sem o apoio do seu inconsistente marido. Suzana, além de mãe, foi a professora dos seus filhos e naquela casa existia uma ordem estrita em paralelo com o afeto, a ternura e a graça. Além das oito horas diárias (seis dias por semana) de ensino escolar ministrado aos filhos, ela tinha uma hora semanal em privado com cada um para falar da sua vida espiritual. Diariamente, passava duas horas em devoção e em comunhão pessoal com Deus. Por incúria do marido, viveram sempre no limiar da pobreza, sofreram dois incêndios no seu lar, mas a sua fé em Deus permaneceu inamovível. Os seus filhos foram ensinados a recitar o “Pai Nosso” a partir dos cinco anos, a cantar os Salmos e a ler e estudar as Escrituras com afinco. Apesar de dois dos seus filhos terem se tornado muito notáveis e influentes, nenhum teve uma vida fácil. O ensino da Bíblia, contudo, preparou-os para o furacão da vida.



A Bíblia Comparada

Vamos comparar para aprender um pouco mais sobre a Bíblia

Bíblia = Campo

“A Bíblia é um campo em que se ocultam celestes tesouros, e permanecerão escondidos até que, mediante diligente escavação, sejam descobertos e trazidos à luz.” - CPPE, p. 421.



Bíblia = Tesouro

“Aquele Espírito gosta de dirigir-Se às crianças, e desvendar-lhes os tesouros e as belezas da Palavra.” - CPPE, p. 172.



Bíblia = Voz de Deus

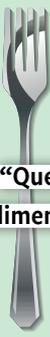
“Creio na Bíblia porque descobri que ela é a voz de Deus a falar à minha alma.” - CBV p. 353.

Quando abro a Bíblia para ler, não vejo apenas palavras, mas ouço a voz de Deus, que se dirige a mim.

Bíblia = Escudo

“Toda Palavra de Deus é pura; Escudo é para os que confiam nele.” Provérbios 30:5.

Ao ler a Bíblia eu sinto-me segura. Ela é uma proteção para mim.



Bíblia = Alimento

“Que os jovens façam da Palavra de Deus o alimento do espírito e da alma.” - *CBV*, p. 352.



Bíblia = Revelação

“Para mim, a Bíblia é a revelação de Cristo. Creio em Jesus, porque Ele é para mim um Salvador divino.” - *CBV*, p. 353.



Bíblia = Guia

“Que o estudante faça da Bíblia o seu guia e fique firme ao lado dos princípios.” - *CBV*, p. 356.



Bíblia = Educador

“Como educador, não têm rival as Escrituras Sagradas.” - *CPPE*, p. 52.
Este educador leva-nos a viver aventuras incríveis: Viajar até ao passado, ver a Criação, conviver com diversos heróis, compreender que sacrifício foi feito para nos dar a vitória, dar-nos a conhecer o futuro...

Bíblia = Cofre com joias

“A Bíblia é um cofre contendo joias de inestimável valor, as quais devem ser apresentadas de maneira que apareçam no seu verdadeiro brilho.” - *CPPE*, p. 421.

Bíblia = Maná do Céu

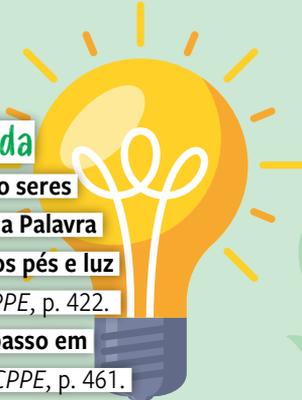
“Mas as Suas palavras são o maná do Céu para alimento da alma, a fim de que esta receba forças espirituais.” - *CPPE*, p. 422.



Bíblia = Lâmpada

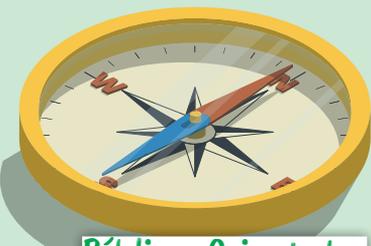
“Deus cuida de nós como seres inteligentes e deu-nos a Sua Palavra como lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho.” – CPPE, p. 422.

“Ela pode guiar em cada passo em direção à cidade de Deus.” – CPPE, p. 461.



Bíblia = Folhas da árvore da vida

“A Palavra de Deus é como as folhas da árvore da vida.” – CPPE, p. 353.



Bíblia = Orientador

“A Bíblia, e ela tão-somente, deve ser o seu orientador.” – CPPE, p. 352.



Bíblia = Sabedoria

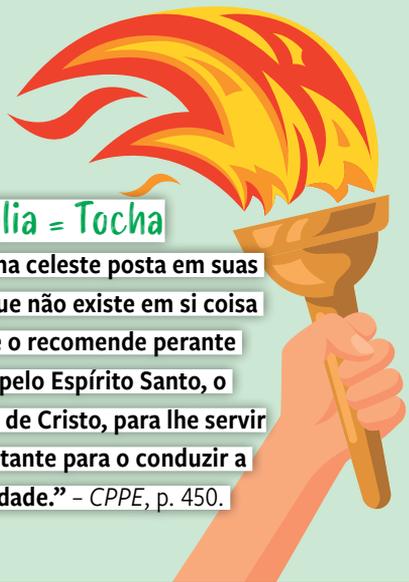
“De todos os livros do mundo é o mais merecedor de estudo e atenção; pois é eterna sabedoria.” – CPPE, p. 421.

Bíblia = Livro Sagrado

“A maioria deles encontra tempo para ler outros livros, mas aquele que indica o caminho da vida eterna não é diariamente estudado. Histórias ociosas são lidas atentamente, ao passo que a Bíblia é negligenciada.” – CPPE, p. 139.

Bíblia = Tocha

“Ao ser a tocha celeste posta em suas mãos, ... vê que não existe em si coisa alguma que o recomende perante Deus. Ora pelo Espírito Santo, o representante de Cristo, para lhe servir de guia constante para o conduzir a toda a verdade.” – CPPE, p. 450.





Bíblia = Coluna de nuvem ou de fogo

“A verdade é o nosso guia; é para nós como uma coluna de nuvem durante o dia e à noite como uma coluna de fogo.” – CES, p. 23.

Bíblia = Reveladora

“No próximo futuro, muitas crianças serão revestidas do Espírito Santo e farão na proclamação da verdade ao mundo uma obra que, naquela ocasião, não pode bem ser feita pelos membros mais idosos das igrejas.” – CPPE, p. 167.

“Nas cenas finais da história deste mundo, muitas destas crianças e jovens encherão de admiração o povo pelo seu testemunho em favor da verdade, o qual será dado de modo simples, no entanto com espírito e poder. Foi-lhes ensinado o temor do Senhor e o coração se lhes abrandou por um estudo da Bíblia cuidadoso e acompanhado de oração.” – CPPE, p. 166.



Bíblia = Fonte

“Oh, que todos os nossos jovens apreciem o privilégio que Deus lhes deu! Ele deseja que vos dirijais à fonte de toda a luz e sejais iluminados pelo Seu Espírito, que será dado a todo o humilde pesquisador da verdade.” – CES, p. 33.



Deus deixa-te um conselho, lê com atenção.

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as Sagradas Letras, que podem fazer-te sábio para a salvação.” II Tim. 3:13-17.

Amiguinho, começa agora a ler a Bíblia!

CBV: A Ciência do Bom Viver, ed. P. SerVir, Ellen G. White.

CPPE: Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes, Ellen G. White.

CES: Conselhos sobre a Escola Sabatina, Ellen G. White.



Aprender a partilhar no CAOD

10 out 2022 | Samuel de Abreu, Diretor do CAOD

Durante a primeira semana de outubro, os alunos do ensino pré-escolar e do 1º ciclo foram desafiados, conjuntamente com outras cinco escolas do Concelho, a participar no projeto “É Hora de Partilhar”, no âmbito do protocolo “Ser + Vizinho”, em que o CAOD participa com a Junta de Freguesia de Oliveira do Douro e com a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

O desafio era cada aluno doar uma peça de roupa em boas condições, que já não usasse, para oferecer a crianças de famílias necessitadas.

Os nossos alunos recolheram mais de 300 peças de roupa, que entregaram à equipa da CMVNG.



Conferências sobre o cancro em Vila do Conde

02 nov 2022 | Ana Pedro Mendes Mota,

Diretora do Departamento dos Ministérios da Mulher da IASD de Vila do Conde

A doença oncológica é uma patologia cujos casos aumentam de ano para ano, motivados por diversos fatores, e que atinge homens e mulheres, adultos e

crianças, jovens e idosos, sendo que a principal debilidade que cria não é apenas no corpo, mas também na saúde psicológica do doente e da sua família.

O medo, a angústia e a ansiedade, na espera do diagnóstico ou na espera do resultado de um tratamento, assim como a tristeza e o desespero que se instalam, tornam-se, por vezes, nos principais inimigos para a recuperação da saúde. É nesta vertente que o Departamento dos Ministérios da Mulher da IASD de Vila do Conde pretende atuar. Trazer a esperança de um futuro que parece não mais existir, motivando os pacientes para uma mudança no seu estilo de vida através da aplicação dos oito remédios da Natureza. A aquisição de conhecimento sobre saúde encoraja os doentes a continuarem o seu percurso ao encontro da cura.

Assim, o Departamento dos Ministérios da Mulher da IASD de Vila do Conde, em colaboração com vários profissionais de saúde da nossa igreja (que prontamente aceitaram este desafio e a quem agradecemos profundamente), promoveu em julho, agosto e setembro de 2022, a realização de vários seminários sobre a doença oncológica com o foco no restabelecimento da saúde perdida através da aplicação dos oito remédios: Ar, Água, Sol, Alimentação, Exercício Físico, Descanso, Temperança e Confiança em Deus.

A adesão foi bastante significativa. A igreja marcou presença em peso e contámos com a visita de várias pessoas muito interessadas nos temas e agradavelmente surpreendidas pela iniciativa que a IASD de Vila do Conde proporcionou à comunidade.



Batismo em Vila do Conde

14 nov 2022 | Ana Pedro Mendes Mota, Departamento de Comunicação da IASD de Vila do Conde

Há momentos que se aguardam com grande expectativa e ansiedade, pela importância e pelo significado que têm. O batismo é um desses momentos altos, para o qual uma igreja inteira se reúne a fim de participar nesse evento e de receber de braços abertos a pessoa que se rende aos pés de Jesus. Foi isso que aconteceu, no passado dia 2 de outubro de 2022, na vida do Desbravador João Ribeiro. Ensinado pela sua mãe, a enfermeira Raquel Pereira, a amar e a obedecer ao Deus Criador desde a sua infância, o João fez o seu percurso sem pressas, sem atropelos e com uma notá-

vel consciência da decisão que estava a tomar. A influência da avó materna, a irmã Fátima Pereira, que, orando sem cessar, advertia e insistia amoravelmente com o seu neto, foi preponderante na vida do João. A presença do João na igreja sempre foi muito assídua e marcada pela sua descrição. Jovem sossegado, de poucas palavras, mas com um coração enorme, que sempre sensibilizou qualquer um de nós. Acarinhado por todos, foi no Clube dos Desbravadores que o João sentiu o chamado de Deus na sua vida. Estava na hora de dar o passo e descer às águas batismais. A decisão foi tomada e assumida no último ACNAC de Companheiros e Embaixadores, cujo líder espiritual foi o Pastor Joabe Soares. Ele próprio conduziu a cerimónia batismal, a convite do candidato João Ribeiro. E assim a igreja Adventista do Sétimo Dia de Vila do Conde continua no seu caminho de crescimento espiritual, suplicando a Deus que, muito em breve, as portas do batistério se tornem a abrir.

DESCANSOU NO SENHOR



Américo Ferreira Nóbio

12 dez 2022 | Departamento de Comunicação da IASD do Porto

Adormeceu no Senhor, no passado dia 23 de novembro de 2022, com 86

anos, o nosso irmão Américo Ferreira Nóbio. Este irmão conheceu a mensagem Adventista numa campanha de evangelização realizada pelo Pastor Matos em 1975 e, desde então, foi devoto assíduo na igreja do Porto até 2010, ano em que, por motivos de saúde, se recolheu num lar para idosos, onde veio a falecer.

Acreditamos que nos voltaremos a abraçar na Pátria Celestial, muito em breve!

ASSEMBLEIA ESPIRITUAL 2023

6

MAIO

EXPOCENTRO – POMBAL

CONVIDADO ESPECIAL

PR. JONATAN TEJEL

DIRETOR DO DEPARTAMENTO
DE JOVENS DA EUO

10H00-12H30

A IGREJA EM ESTUDO
ESCOLA SABATINA

A IGREJA EM ADORAÇÃO
CULTO

15H30-17H30

A IGREJA EM AÇÃO
REGIÕES, MÚSICAS, PROJETOS

MENSAGEM DO PRESIDENTE
DA UPASD



EU VOU

IREMOS TODOS!

eu
VOU
UNIVERSO GLOBAL PORTUGAL

